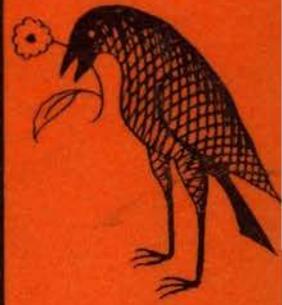


OLISTIP O

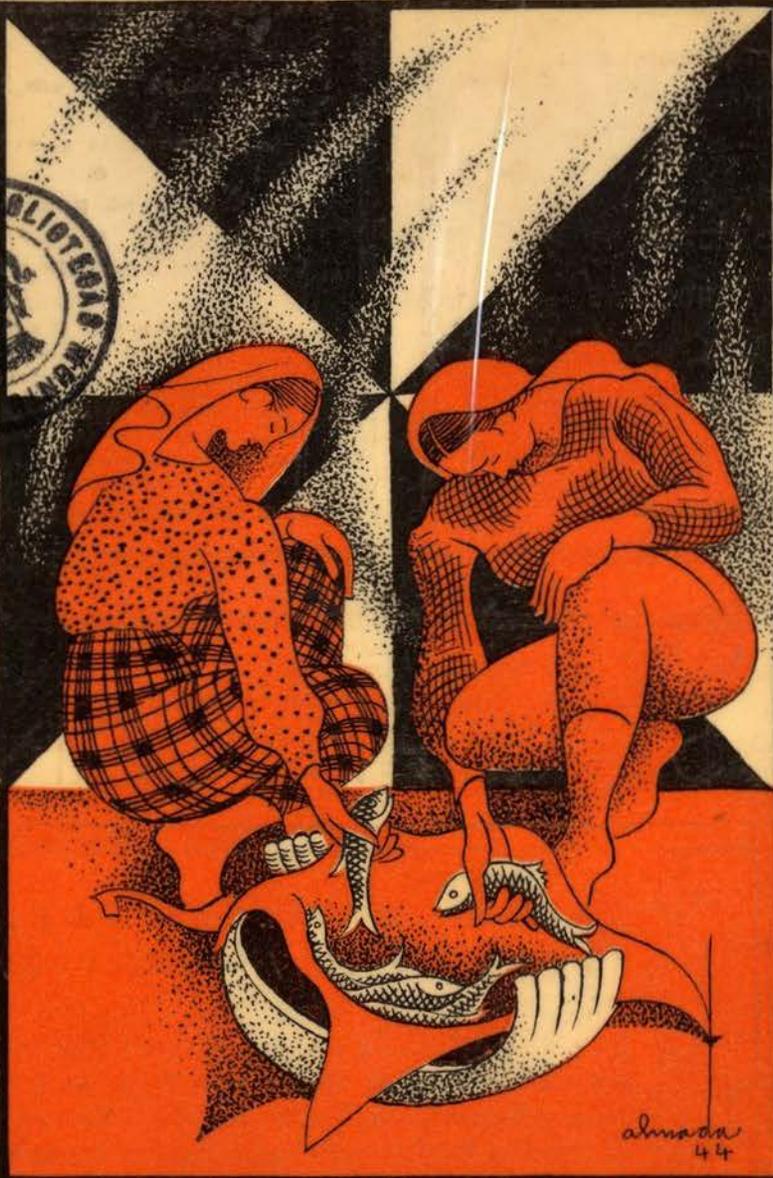
BOLETIM DO
GRUPO

"AMIGOS DE
LISBOA"



ANO
VII

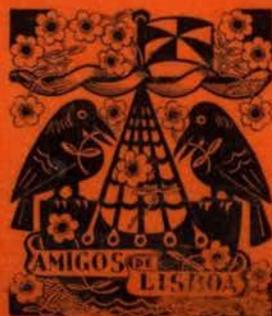
N.º
26



A B R I L

1944

LISBOA



Pérola do Rocio, L.^{da}

ENVIO DE ENCOMENDAS
Para todo o País e Estrangeiro

CASA ESPECIALIZADA EM:

Chá
Café
Bolachas
Bombons
Chocolates

Rocio, 105 — LISBOA

Telefone: 20744

Miguel A. Fraga, L.^{da}

OURIVESARIA, RELOJOARIA
E JOALHARIA

Grande sortido em **Monogramas**, em ouro e prata,
para cartelas.

Há sempre jóias em 2.^a mão

TUDO MAIS BARATO

OURO só pelo pêsso

Compra-se Ouro, Prata e Brilhantes

Descontos especiais a todos os
«Amigos de Lisboa»

ESPECIALIDADE EM ANÉIS, MEDALHAS,
ALFINETES, ETC., COM RETRATOS ES-
MALTADOS EM TODOS OS FORMATOS.

Rua da Palma, 26-28 — LISBOA

CASA AFRICANA

RUA AUGUSTA, 161 / Telef. 2 4264-65 P B X / **Lisboa**

R. SÁ DA BANDEIRA, 156 / Telef. 1361 P B X / **Pôrto**

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sêdas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador, estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrozaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

Preços fixos e marcados em todos os artigos
ON PARLE FRANÇAIS ENGLISH SPOKEN

TRABALHOS GRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS



RUA DO SALITRE, 151-155 - TELEF. 53173/4 - LISBOA



MARCA REGISTRADA

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS CRÉDITO E PREVIDÊNCIA

ESTABELECIMENTO AUTÓNOMO DO ESTADO

Serviços anexos { CAIXA NACIONAL DE CRÉDITO
CAIXA NACIONAL DE PREVIDENCIA

TELEFONE (P. B. X.) 2 6181 a 2 6189

Depósitos à Ordem e a Prazo — Empréstimos hipotecários e sôbre penhor de Títulos — Operações de transferências e cobranças — Empréstimos sôbre penhor de Ouro, Jóias e Pratas pela Casa de Crédito Popular — Empréstimos agrícolas e industriais pela Caixa Nacional de Crédito

FILIAIS EM TÔDAS AS SEDES DE DISTRITO
Agências e Delegações nas sedes de Concelho



Companhia Nacional de Navegação

Em 1881, há 63 anos,

a EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

constituíu-se com dois vapores no total de 2.538 toneladas;

Em 1918, sucedeu-lhe a

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

que explora hoje cêrca de 86 mil toneladas e

AO SERVIÇO DO IMPÉRIO

leva o nome de Lisboa a todos os mares do Mundo.

COMPANHIA ALCOBIA

 **ALCOBIA** 

Fornecedores dos melhores
e mais lindos mobiliários

Cómodas de estilo — Porcelanas de
Saxe — Espelhos de Veneza — Can-
deiros de cristal, de ferro forjado e
de madeira — Tapeçarias — Marqui-
settes e voiles suíços — Carpetes de lã



COMPANHIA ALCOBIA

R. Ivens, 14 (esquina da R. Capêlo)

Telef. 2 6441

ESTABELECEMENTOS

JERÓNIMO MARTINS & FILHO, L.^{DA}

RUA GARRETT, 13-23

TELEFONES { 2 3241 (P. B. X. 3 linhas)
2 8248
Estado 259

Enderêço Telegráfico

VÍVERES

Grandes Armazéns de Víveres
Papellaria e Perfumaria

SECÇÃO INDUSTRIAL:

Máquinas, produtos químicos e material de embalagens para as indústrias de:

ALIMENTAÇÃO, LACTICÍNIOS, PERFUMARIA E OUTRAS

ÂNGELO
G. RAMALHEIRA
Engenheiro Civil

Construções

Projectos
de estabilidade

Betão armado



R. da Madalena, 211-3.º

Telefone 28933 - 51556

LISBOA



FRANCISCO DUARTE

42, RUA DA VINHA, 42-A

TELEFONE 21483—LISBOA

EXPOSIÇÕES GRÁFICAS



TRABALHOS DE
CARPINTARIA
E MARCENARIA

RECORTES, LETRAS EM
MADEIRA E CORTIÇA

QUANDO O **MUNDO** VIVIA EM PAZ,
HAVIA DE TUDO E TUDO ERA BARATO

HOJE TUDO VAI FALTANDO
TUDO VAI ENCARECENDO

SÓ O

GÁS E A ELECTRICIDADE

NÃO FALTARAM AINDA EM SUA CASA
ASSEGURANDO-LHE BOA LUZ E BEM ESTAR

FIÉIS AMIGOS, HOJE COMO SEMPRE

C. IAS R. DAS GÁS E ELECTRICIDADE

LISBOA — 1944

A limpeza do fato é tão necessária como a limpeza do corpo. Realmente uma pessoa bem cuidada provoca sempre simpatia, o que não sucede, é claro, se andar com o fato sujo e enrugado. E afinal tudo se pode remediar facilmente — sem perda de tempo e por preço acessível: basta dirigir-se a uma boa casa de limpeza de fatos.

E uma boa casa de limpeza de fatos, é incontestavelmente

Indeformável "CORA"

na Rua da Prata, 156 s/l. — Telefone 2 3422

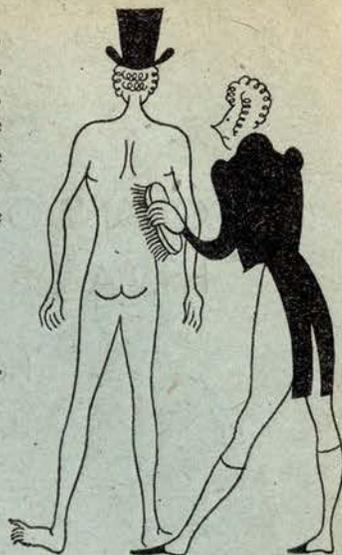
Pelo sistema da **Indeformável «CORA»** os fatos, sobretudo, gabardines, etc., são submetidos às seguintes operações:

- 1.^a — **Laboratório**: deslustrar e desnodoar.
- 2.^a — **Estufa vaporizadora**: absorção de sujidade.
- 3.^a — **Bustos**: alisamento e forma.
- 4.^a — **Costura**: retocagem.

E após essas operações o fato, o sobretudo, a gabardine, conservarão o seu tipo distinto. O sistema da **Indeformável «CORA»** não afecta os tecidos — antes pelo contrário, desinfectando-os, dá-lhes vigor e reintegra-os no primitivo.

Indeformável «CORA» é uma secção especializada, anexa ao estabelecimento de **Alfaiataria, de ÂNGELO SOARES**

A Alfaiataria de **ÂNGELO SOARES** é um estabelecimento de créditos firmados onde preside o bom gosto na arte de vestir e onde se encontra o mais variado sortido de tecidos finos



HERMÉTICA

FABRICA NACIONAL
DE CAPSULAS VISCOSAS

FUNDADA EM 1935

FORNECEDORA DAS PRINCIPAIS
CASAS DO PAÍS E COLÓNIAS

Rua de S. Lázaro, 209, 2.º

Telefone 48845

LISBOA

Camisaria
Gravataria
e
Artigos de malhas

MEIAS

CASA RIO DE JANEIRO

264, R. Augusta, 266 — LISBOA

Telefone 22107

Especialidade em MEIAS

NOVIDADES

Luvas em malha

Sempre os últimos modelos de malhas
para Senhoras, Homens e Crianças

Não comprem sem con-
frontar os nossos preços

CASA RIO DE JANEIRO

264, R. Augusta, 266 — LISBOA

Oferta

27. JUL. 1988

ANO VII

ABRIL DE 1944

NÚMERO 26

OLISIPO

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA

EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA A TODOS OS SÓCIOS

SUMARIO

- UMA ENTREVISTA COM O ARCO DO MARQUES DE ALEGRETE
por *Gustavo de Matos Sequeira*
- A MADRAGOA E O VICENTE BORGA
por *Luiz Pastor de Macedo*
- RELAÇÃO DAS CASAS FOREIRAS, EM 1539, A IGREJA DE S. CRISTÓVÃO
por *Ferreira de Andrade*
- VENDEDORES AMBULANTES
por *Alfredo Augusto Lopes*
- COMO SE ESCREVIAM CRÍTICAS HA 82 ANOS
por *Henrique Marques Júnior*
- RELATÓRIOS APRESENTADOS À ÚLTIMA ASSEMBLEIA GERAL
- OBRAS OFERECIDAS E ADQUIRIDAS PARA A BIBLIOTECA



OS ARTIGOS AQUI PUBLICADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

COMP. E IMP. NA «EDITORIAL IMPÉRIO, LIMITADA» - R. DO SALITRE, 153 - TELEF. 5 3173 - LISBOA

MISSISSIPPI



ENGENHEIRO
DUARTE
PACHECO

NA história da urbanização de Lisboa a personalidade do engenheiro Duarte Pacheco fica no primeiro plano dos seus agentes e dos seus animadores. O período do seu Consulado caracterizou-se por uma acção reflectida e contínua, e a capital que se atrazara no caminho da modernização, encerrada em si mesma, quási sem acessos que correspondessem às suas necessidades demográficas e ao seu movimento de grande cidade, civilizou-se com o benefício dêsse desafôgo essencial. Esta etapa de agora que corresponde aos grandes movimentos do tempo de D. João I, de D. Manuel e de D. José I, êste promovido por Pombal e os outros pelo Senado da Câmara, pertence inteiramente a esta figura de português que o soube ser com tôdas as características de energia, de iniciativa e de tenacidade.

Uma entrevista com o Arco do Marquês de Alegrete

Capítulo dum livro a aparecer
brevemente, de colaboração com
o Sr. Luiz Pastor de Macedo

por GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Mês sim, mês não, aparece nos jornais a notícia, o boato, a sugestão de que vai ser ou deve ser sacrificado à estética cidadã ou às necessidades do trânsito, o velho Arco do Marquês de Alegrete. A vida moderna, veloz e desatinada, embirra com os arcos. Está no seu pleníssimo direito, e, às vezes, até, grita com razão. O que convém a êste desvairamento de circulação urbana, são espaços largos, ruas direitas, e nada de quinas, nem de reintrâncias, nem de estrangulamentos. Tem de se olhar de frente e andar depressa. Absolutamente de acôrdo. O que nos parece, porém, de desejar é que se deixe, por lembrança, um bocadinho de dificuldade e de complicação.

Tudo muito fácil e muito simples também não tem graça nenhuma.

E depois, na febre de endireitar e de alargar, acontece dar-se cabo de muita coisa que nos fala à sensibilidade, que nos entretém, que sabe conversar. E eu nunca vi coisas mais descaróaveis do que as ruas modernas, estúpidamente rectas e sensaboronamente alinhadas como galuchos na forma.

Sempre que se propala a nova de que a venerável Porta da Mouraria vai abaixo, sinto cá por dentro uma pena que não sei explicar. Eu bem sei que aquela garganta está a precisar que lhe cortem as amígdalas, para que o ar «gente» passe à vontade, e o sítio se não

definhe e possa desenvolver-se; mas, confesso, custa-me um bocado. Não está mais em mim.

Há ainda outra coisa que me não agrada. Que uns digam que sim, que outros digam que não, que eu não goste, que aquêlê goste, parece-me que não chega. Já pensaram na opinião do arco? Pois quando se tem de fazer uma operação, o primeiro a ser consultado deve ser o doente. Foi por isso que resolvi ir entrevistar aquela triste e última porta da cidade. Estive lá ontem, em casa dêle, ali à Mouraria. Estava amachucado, o reboco a cair-lhe de uma ilharga esbeiçada, um ar de desânimo e de abandono de quem já conta com o fim. Os olhares dos que passavam, uns de piedade, outros de raiva, vexavam-no. Mal me viu — nós conhecemo-nos de há muito — entrou a dizer:

— Estou sempre a esperar a sentença. Tal qual sucede com as pessoas pensei logo ao avistá-lo — já sei ao que vem. Obrigado pela lembrança. A minha vez chega qualquer dia. À porta de Santo André sucedeu o mesmo, com a agravante de lhe prolongarem o «oratório». Deitaram-na abaixo para passar os eléctricos. Os eléctricos são de um autoritarismo feroz. Birras! Caprichos!

— E as outras do seu tempo?

— Nem uma. As que fêz o senhor D. Fernando, que eram as da minha criação, já se foram tôdas. Deixaram-me aqui para amostra. A de Santa Catarina, para passar não sei que cortejo de côches, fizeram-na em entulho. A de Santo Antão já me não lembro quando foi.

— E o Arco do Cego?

— Êsse era mais novinho, mas arrazaram-no também para o carroção do senhor D. João V poder passar quando êle um dia foi às Caldas.

— O progresso não gosta de vocês. Diz que lhe empacham o Carro. O que se quer agora é largueza, e o que as perde é esta estreiteza. Veja a confusão que por aqui vai. Aquêlê automóvel — viu? — ia-lhe quási levando um bocado.

— E para que vai êle tão depressa? Manias, meu amigo. Os senhores é que não nos merecem... porque não nos entendem. Repare para essa sombra que eu deito? Anh? que diz? É bonita, não é?

Enviei os olhos para a pincelada escura, côr de violeta, que se arqueava na rua, e murmurei:

— Realmente é curiosa...

— Veja lá se os prédios, todos alinhados uns pelos outros, são capazes de fazer isso: Bate o sol, ou bate o luar na gente, e aí está na rua um recorte de sombra que é um regalo.

— ...mas êsses pegões que você tem — amigo Arco — a saír das fachadas e a estrangular a passagem...

— Há algum mal nisso? Se não fôsse esta graça, esta quebra de linhas que a gente faz, olhe que Lisboa era bonita. Que é que os senhores têm, agora, que preste? As avenidas?

— Sim. Temos a da República, a de Cinco de Outubro, a...

— São frescas essas. Eu não posso sair de aqui para ir vê-las, porque os mestres de pedraria do senhor Rei Fernando — Deus lhe fale na alma — prenderam-me ao chão; mas têm-me dito que os tais «boulevards» além da largura não tem mais que ver.

— Não diga isso. Então os palácios, a architectura moderna...

— Puff — expeliu o arco por um rasgão da alvenaria. Um rufista (agora chamam-lhe rufião) que aqui costuma vir à vizinhança para afiambrar os pés em botins de luxo, já me falou de um prédio que lá há com elefantes nas sacadas, e de outro com as janelas em forma de ferraduras. Dizia êle que era a marca do architecto. E os caixotes feitos em série como as máquinas de costura daquele anúncio que aqui está no cunhal do palácio do Marquês? São bonitos, não são?

— Talvez você, em parte, tenha razão, mas — desculpe — a respeito de beleza a sua fisionomia está muito por baixo. Ao menos devia pintar-se como as mulheres para disfarçar a idade. Veja como tudo à volta é escuro e tortuoso.

— Percebo-o à légua, tornou o Arco, um pouco melindrado. A mim agrada-me ser velho, e a Câmara, passam-se os anos, e não me dá um bocadinho de côr. Deixá-lo! O que se quer agora é tudo fácil e prático, e muito ornamentado para disfarçar a mesquinhez da carcassa. Um arco, assim como eu, liso, modesto, simples, não presta numa cidade moderna. Sou de pedra. Com uns ornatos de gêsso ou de estuque, com uma imposturice qualquer, ali como aquêle teatro dos

Restauradores, em estilo «Sofisma», ou como foi o alpendre da calçada da Glória que parecia um templo dos Assírios, traçado por qualquer melquetrefe estrangeiro, eram capazes de gostar de mim. Assim apagado e pobre...

— ...rico de tradições, acrescentei logo, para o louvaminhar.

— Lá vem o cumprimento do estilo. Já cá tardava. Os que mandam, os das picaretas, é que não querem saber de sentimentalismos. Eu ainda hei-de ver uma estação de carros eléctricos ao pé da «memória» do Terreiro do Paço. Pregunte aos estrangeiros se êles gostam mais de mim ou da Rua do Conde de Redondo.

— Não seja rabujento, amigo Arco. Resigne-se.

— Isto é da velhice; mas o senhor compreende. Há quinhentos e tanto anos aqui, estou agarrado a isto. Tenho amizade a tudo — às casas que vi nascer, à gente que passa, aos vendedores de elixires que têm tanta graça, ao gentio miúdo do bairro que se encosta a mim e que anda a pairar à minha volta. Gente pobre, alguma ruim, mas tudo amigos velhos. Até tenho amizade ao «Salão Lisboa». É novinho, mas traz-me gente; anima-me. E eu gosto de ver muito povo.

— A procissão da Saúde, lembra-se?

— Isso é que era bonito! Era a safra do sítio. Espadananas na rua, colchas pelas janelas, bandeiras, foguetes, os artilheiros de opa, o mulherio de saia de folhos que vinha da Amendoeira, a fidalgaria que desaguava de tôda a banda. Já a tornaram a fazer; mas que diferença! A mim fêz-me saúdades. Comovi-me. Ouvei recomendar que não se me encostassem por causa da água que eu ressumava. Não era umidade. Eram lágrimas.

— Tudo acaba, meu amigo, os palácios, os monumentos, os arcos...

— ...e os homens.

A noite começava a cair. O vulto pesado de casa dos Alegretes tingia-se de sombra, e o povolêu da Mouraria, acesas as luzes, vomitado para a liberdade, formigava na rua. Roci pelo arco a mão como a despedir-me dêle, e abalei para o Rossio. Os *placards* luminosos, picando o escuro, pareceram-me que sorriam. Era a Civilização que lavrava, numa ironia, para a última porta da cidade, a sua trágica sentença.

A Madragoa e o Vicente Borga

Capítulo dum livro a publicar
brevemente de colaboração com
o Sr. Gustavo de Matos Sequeira

por LUIZ PASTOR DE MACEDO

Júlio de Castilho, algum tempo antes do dia 1 de Julho de 1893, estando na sua casa da quinta da Costa, em Carnide, explicou, a quem o quis ouvir, a razão por que, segundo lhe parecia, a uma das ruas do antigo bairro do Mocambo dera o povo o nome de Madragoa. E foram estas as palavras de que se serviu para a sua explicação:

«O Mosteiro das Bernardas, com a invocação de Nossa Senhora da Nazaré, foi fundado em 1652. Pela sua parte oriental, na Rua das Madres, que vai da Calçada do Castelo Picão para a Travessa do Pasteleiro, ficava o antigo recolhimento de Santa Isabel da Hungria, fundado em dias da Rainha D. Catarina por uma Isabel de Jesus, falecida em 1612, isto segundo o *Agiológio Lusitano* de Jorge Cardoso. Esse título da Rua das Madres é abreviatura do outro que a rua teve, *Rua das Madres Bernardas*, para se diferenciar da outra travessa superior, e paralela, que se chamou *das Madres de Goa*, por causa de um hospício ou recolhimento de senhoras da Índia, que existia na casa que ficou fazendo esquina para a íngreme Rua das Trinas, desde que alargaram esta última. Pois o nome de *Rua das Madres de Goa* corrompeu-se em *Rua da Madragoa*, de imunda e tôrpe memória; e tão tôrpe, que obrigou o letreiro a mudar-se no de *Rua de Vicente Borga*, sujeito que não conheço».

Gomes de Brito, sem se alhear da sua habitual gravidade, sorriu discreta e talvez involuntariamente, e confessou então aos que mais próximo d'ele estavam, que sobre a origem do nome da rua já

tinha a sua opinião formada, a qual nada tinha que ver com as virtuosas Madres de Goa. Nem por sombras elas se deixavam mostrar. O que a Gomes de Brito lhe parecia é que o nome que se quisera dar à artéria fôra o *de Mandrágora*, «vocábulo que por infeliz lapso de revisão, aparece estropiado na *Corografia Portuguesa* do padre António Carvalho da Costa».

E continuou por aí fora: «Mandrágora é vocábulo derivado do grego, e significa planta que adormece. É do género das dicotiledóneas, da família das solâneas. É erva de que há duas espécies, a macha, ou branca, e a fêmea, de côr atrigueirada ou preta. Dispõe de grandes fôlhas e tem cheiro *desagradável, fétido*, como o fruto, que é tamanho como sorvas. Possui em grau elevado qualidades *narcóticas* e *purgativas*. Os antigos atribuíam-lhe virtudes secretas. A propósito da mandrágora engendraram as fábulas mais absurdas. Serviam até de amuletos, envoltas em pano de linho. Seria um nunca acabar, o fazer o inventário das virtudes que se atribuíam, em determinadas circunstâncias, às mandrágoras. Gabriel Grisley, médico alemão que seguiu o sistema de Dioscorides, viveu em Portugal durante a segunda metade do século XVII e publicou um livro *Desenganos pera Medicina*, no qual atribui à mandrágora virtudes soporíficas e narcóticas produzindo resultados idênticos à anasthesia. *A raiz pisada e borrifada com vinagre, aplicada como emplastro apaga o fogo de Santo Antão*. O fogo de Santo Antão é conhecido em medicina como uma espécie de erisipela ou *carvão pestilente*, isto é, uma manifestação sinónima do antraz, mas com tendência de inflamação gangrenosa, devida a causas internas, abrandando as dores, diminuindo as inflamações, etc., etc.».

Eram pois muitas as virtudes da narcotizante planta que também, conforme fôra explicado por Gomes de Brito, de amuleto servia, principalmente, diremos nós agora, aos interesseiros. As antigas Ordenações do Reino lá os fixam como tendo «mandrágoras em suas casas, com tenção que por elas haverão graça com senhores, ou ganho em cousas que tratarem». Mas o que interessaria saber era a razão por que à rua se teria dado aquele nome *de Mandrágora*, e isso foi justamente o que o erudito autor das *Ruas de Lisboa* não disse. Deu a sua opinião mas não a justificou e assim colocou-se em evidente

contraste com Júlio de Castilho que, pressurosamente, como foi sempre seu costume, deu o seu parecer e disse a razão por que o dava.

Porém — temos de declará-lo — nem foram as madres de Goa que deram origem à denominação da rua, nem ela foi pelo vulgo baptizada com o extravagante nome *de Mandrágora*. Às vezes succedem coisas destas, até aos Mestres, especialmente quando a documentação anda arredia ou escasseia, e surge portanto aliciante e convidativo o campo das hipóteses.

A quinhentista denominação da rua (data pelo menos do ano 1579) provém, reverendo leitor, duma Mandragoa, mulher dum Mandragão. Não tenhamos dúvida alguma a êsse respeito. Mandragão, apelido duma família que viveu na Ilha da Madeira, deu em Mandragoa quando na cola de nome de dona ou de moça, talqualmente succedeu com os apelidos de Leitão, Falcão, Varejão e outros, que, consoante o melhor jeito, se transformavam ou não em Leitoa, Falcoa e Varejoa. E que a rua primitivamente teve em vez *de Madragoa* o vocativo *de Mandragoa* também não se nos oferece dúvida alguma, pois que assim a topamos nos documentos antigos e assim a encontramos ainda nas obras impressas na primeira metade do século XVIII.

O que o leitor, com justificação plena, agora querera saber é que Mandragoa teria morado naquela rua do bairro do Mocambo, mas êsse desejo é que, com bastante pesar nosso, não poderá ser, pelo menos por enquanto, satisfeito. Teria sido a mulher de João Rodrigues Mandragão, fidalgo da Casa Real, habitualmente estante na Ilha da Madeira e de passagem em Lisboa no ano de 1572, onde, na Inquisição, denunciou Francisco Dias que andava como pilôto-mor na armada francesa que atacou no ano 1556 a cidade do Funchal? Teria sido D. Maria de Brito, filha de Francisco Rodrigues Mandragão, também da Ilha da Madeira, que, segundo Rangel de Macedo, não quis casar com D. Pedro Mascarenhas, filho segundo de D. Nuno Mascarenhas, capitão de Safim e comendador de Almodóvar, e que depois da recusa foi para Castela meter-se freira? Não sabemos. O que nos parece podermos dizer é que os Mandragões tinham jazigo no mosteiro da Esperança, muito vizinho, como se sabe, da rua de que nos estamos ocupando, e aventamos a suposição por termos conhecimento de que António Mandragão de Vasconcelos, falecido em 7 de Dezembro de

1651 numa casa da Travessa da Espera, no Bairro Alto, ali se mandou sepultar.

Mas fôsse que Mandragoa fôsse que por ali tivesse parado e que no nome da rua tivesse deixado memória perdurável do muito ou do pouco tempo que por lá esteve, isto já se ficou sabendo: que as madres de Goa não foram chamadas para darem denominação à artéria e que as dormentes mandrágoras das mil virtudes, vaidosas dos seus segredos e das largas fôlhas, não medraram por lá.

Começa agora a decorrer o ano 1835 e começa agora a enraizar-se entre a gentinha falaciosa do *logo* o apodo *de Vicente Borga*, hoje e desde há muito denominação oficial da rua. E de Vicente Borga — estranho alcunho — porquê?

Castilho na tarde daquele dia anterior a 1 de Julho de 1893, na sua casa da quinta da Costa, disse apenas, como já vimos, que não conhecia o sujeito; mas Gomes de Brito, para os que estavam à sua beira sempre foi sentenciando:

«A nova denominação não foi mais feliz por certo. É impossível que do Governo Civil saísse ordem para se pintar nos letreiros desta via pública *Vicente Borga*. Nela havia um proprietário chamado Vicente José Borges de Medeiros. Talvez que dêle partisse a solicitação para a mudança do letreiro, e que a autoridade mandasse pintar *Vicente Borges*, entendendo mal o letreiroiro o que se lhe mandou pintar.

«Como quer que seja, e na dúvida se os factos se passariam como os presumo, o que parece admissível, é mandar converter o *Borga* em *Borja*, e ficará o letreiro sem motivo de reparo».

E porquê *Borja*? Mas Gomes de Brito calou-se, não deu qualquer explicação, vaga que fôsse, e a pergunta ficou sem resposta. Teremos pois nós de esclarecer o caso, o que aliás vamos fazer da melhor vontade.

Principiaremos por dizer, já que êste capítulo nasceu em maré de negativas absolutas, que na verdade a rua não deve ser denominada *de Vicente Borga*, mas que também se não deveria chamar *de Vicente Borges* ou *de Vicente Borja*, nem ainda *de Vicente Borba*

como sabemos que já se lhe chamou. O autêntico nome que substituiu o *de Madragoa* é, reverendo leitor, o *de Vicente Borchers*.

Nem mais, nem menos.

Declaramo-lo peremptoriamente e por nossa honra, como se fôsemos em pessoa o próprio Borchers que há um século, já passante — Deus saberá com que desgosto — ouve pronunciar mal o seu apelido e há um ror de lustros o vê mal grafado nas esquinas da sua rua. *Vicente Borchers* e não *Vicente Borga* é que é, e vamos já, já, ver porquê.

Conrado Bicker, natural de Hamburgo e filho de um Paulo Bicker e de uma Catarina Bicker, veio até Lisboa nos fins do século XVII e por cá se foi deixando ficar, provavelmente por se ter agradado dos palreiros olhos das alfacinhas e dum modo especial dos de uma delas. E passado algum tempo casou. Morava então na freguesia de S. Nicolau e a noiva na da Encarnação, na Rua do Norte, ao Bairro Alto. Era ela D. Catarina Maria Pimentel Maldonado, baptizada na freguesia de S. João da Praça e filha de André Pimentel Maldonado, ao tempo já defunto, e de D. Mariana de Andrade Machado. A cerimónia efectuou-se na ermida de Nossa Senhora do Alecrim, no dia 29 de Junho de 1699 e foi testemunhada pelo padre Matias da Costa e por Simão Gomes.

Dêste casamento nasceram pelo menos os seguintes filhos:

Paulo Inácio Bicker Maldonado, natural da freguesia de S. Nicolau, que casou em 29 de Julho de 1721 com D. Antónia Cecília de Almeida Teves, filha do Dr. António Pacheco de Almeida e de D. Catarina da Conceição de Almeida, de quem não sabemos se teve filhos;

Maria Josefa Bicker Maldonado, que nasceu na freguesia de S. João da Praça e casou em 3 de Dezembro de 1729, já falecido o pai, no oratório das suas casas de morada, na Rua Direita da Mouraria, com o Dr. José Justino da Gama; faleceu em 3 de Julho de 1775, morando então na Carreira dos Cavalos (Rua Gomes Freire) e já viúva; seu marido morrera no dia 14 de Junho de 1765 na sua residência no Campo de Santa Ana; deixou descendência;

Ana Bicker Maldonado, baptizada na igreja do Socorro em 29 de Agosto de 1710, sendo seus pais já moradores nas casas da Rua da Mouraria, e tendo sido seu padrinho um Luiz Manuel;

Madalena Bicker Maldonado, baptizada em 28 de Novembro de 1711, tendo por padrinho o Conde de Coculim; casou no oratório das citadas casas, em 30 de Setembro de 1731, com Jaques Nobel de Barros, filho de Jaques Nobel e de D. Catarina Nobel de Barros, família que viveu por largos anos na freguesia dos Anjos, nas ruas do Bemfornoso, dos Anjos e dos Lagares;

Pedro José Bicker Pimentel Maldonado, baptizado no dia 7 de Novembro de 1713 e casado, na igreja dos Anjos, em 20 de Fevereiro de 1754, com D. Ana Vicência de Figueiredo, filha do Dr. António de Prestes e de D. Bernarda Luíza de Figueiredo, de quem houve descendência;

Francisco Bicker Pimentel Maldonado, baptizado na igreja do Socorro em 4 de Março de 1715, de quem nada mais sabemos; e

Teresa Joana Bicker Pimentel Maldonado, a mais velha das citadas filhas, que nasceu na freguesia da Madalena e casou ainda em vida de seu pai e no oratório das mesmas casas da Rua da Mouraria, em 12 de Fevereiro de 1725, com Alberto Borchers, também hamburguês, filho de outro Alberto Borchers e de Margarida Borchers, «novamente converso à nossa Santa Fé», e ao tempo morador na freguesia de Santa Justa.

Como nos interessa, vamos dizer quais foram os rebentos deste casal, contando de antemão que o leitor nos releve termo-lo trazido para o enfadonho campo da genealogia. Foram êles:

Catarina Vitória Violante Pimentel Maldonado, nascida numa casa da Travessa da Horta, na freguesia da Pena, e baptizada nesta paroquial em 21 de Fevereiro de 1726; casou na igreja de S. José com o Dr. Francisco Sanches Pereira de Gusmão e Vasconcelos, de quem teve pelo menos uma filha, Teresa Joana Perpétua Sanches de Gusmão Maldonado, que foi a herdeira de seu tio cônego Gonçalo Manuel Borchers;

Alberto, nascido na mesma casa em 9 de Março de 1728 e baptizado em 3 de Abril seguinte; foi apadrinhado por Cristiano Stockler e por D. Francisca Maria Porcile e devia ter falecido ainda menino;

João António Borchers, nascido em 12 de Junho de 1729 numa casa da Rua da Mouraria, provavelmente na que vivia a viúva de Conrado Bicker, e baptizado na igreja do Socorro em 5 de Julho do

mesmo ano; casou occultamente, em 25 de Agosto de 1770, na ermida de Nossa Senhora do Monte Carmo, da quinta das Carafunchas ou das Lebres, freguesia de Santo António do Tojal, com D. Teresa Caetana de Junquer Servote, baptizada na paroquial da Encarnação e filha de Lambert Servote e de D. Isabel Junquer, moradores na freguesia das Mercês; foi cônsul geral da Rússia durante muitos anos e deixou larga descendência, tendo sido padrinho de uma das suas filhas — Catarina, nascida a 8 de Outubro de 1772 — o Grão Duque Paulo I e madrinha a Imperatriz de tôdas as Rússias;

Ana Bárbara Pimentel Maldonado, nascida na mesma casa em 19 de Setembro de 1732 e baptizada em 16 de Outubro seguinte; foi casada com António Canhão de Queiroz;

José Inácio Borchers Pimentel Maldonado, de quem mais para diante nos ocuparemos;

Maria Luíza Pimentel Maldonado, de quem não temos mais notícia;

Dr. António Roberto Borchers Pimentel Maldonado, que nasceu numa casa da Travessa do Forno, aos Anjos, em 7 de Março de 1738, e que foi baptizado em 3 de Junho do mesmo ano e apadrinhado por seu tio Dr. José Justino da Gama, já conhecido do leitor; casou no oratório da sua casa de morada na Rua das Trinas, em 25 de Abril de 1784, com D. Ana Rita dos Reis, natural de Vila Franca de Xira e filha de Joaquim dos Reis e de Maria Joaquina, de quem teve pelo menos seis filhos; um dêstes, o mais velho, baptizado com o nome de Alberto, casou em 11 de Junho de 1817 na paroquial da Ajuda com D. Maria Gertrudes do Patrocínio e «faleceu desgraçadamente», quando disfrutava o pôsto de tenente e servia no regimento de Infantaria 10, em 10 de Maio de 1826; o Dr. António Roberto Borchers, que foi cavaleiro na Ordem de Cristo, morreu em 1 de Maio de 1804 e sua mulher em 23 de Dezembro de 1800;

Francisco Joaquim Borchers, baptizado em 17 de Novembro de 1740 tendo por padrinho o Bispo de Viseu; depois de professar, não sabemos em que ordem, usou o nome de fr. Francisco de Santa Bárbara;

Inácio Maria Borchers, nascido em 18 de Outubro de 1741 e baptizado na igreja dos Anjos em 15 de Novembro seguinte, tendo

por padrinho o mesmo Bispo de Viseu; casou na paroquial de S. Martinho, em Lisboa, no dia 4 de Fevereiro de 1769, com D. Luíza Gertrudes do Pilar, filha de José do Pilar e de D. Margarida Teresa Josefa do Pilar, ao tempo moradora na freguesia do Sacramento, na Rua da Oliveira ao Carmo, de quem teve descendência; ainda vivia em 1805;

Gonçalo Manuel Borchers, nascido em 23 de Dezembro de 1742 e baptizado em 4 de Fevereiro do ano imediato, sendo apadrinhado pelo citado bispo; possuiu vários bens, entre os quais umas casas na Rua das Fontainhas, a S. Lourenço, indo tudo parar por determinação testamentária, segundo vimos no arquivo da Câmara Municipal, às mãos de sua sobrinha D. Teresa Joana Perpétua Sanches de Gusmão Maldonado, já atrás citada; foi «cónego congregado no convento de Santo Elói» e usou o nome de fr. Gonçalo de Santa Maria; e

Vicente Bernardo Borchers Maldonado, que deixámos para o fim por ter para nós, neste momento, mais interêsse; nasceu em 15 de Setembro de 1739 numa casa da Rua Direita dos Anjos e foi baptizado em 14 de Outubro do mesmo ano na paroquial dos Anjos, tendo sido seu padrinho o padre Francisco Xavier; casou, morando então na freguesia de S. Paulo, em 28 de Setembro de 1776, com D. Maria Clara de Sousa Peres, baptizada na freguesia do Sacramento, moradora na de Santos e filha de António Joaquim de Oliveira Peres e de D. Jerónima Luíza de Magalhães e Sousa, e foi depois aquele morador da velha Rua da Madragoa que originou a substituição do seu vocativo. Não temos a menor dúvida a êsse respeito. Foi dêste Vicente Borchers, uma das pessoas mais importantes que por aqueles tempos moraram na rua, que nasceu nos soalheiros do sítio o *Vicente Borga* que a pouco e pouco foi destronando, até se fixar oficialmente na artéria, a decrépita denominação *de Madragoa*.

Do casal nasceu pelo menos uma filha, a qual foi baptizada na igreja de S. Paulo com o nome de Maria Clara e casou, em 23 de Outubro de 1800, no oratório da residência do pai, na Rua da Madragoa, com José Pedro Hipólito de Lafitte du Perron, filho do Conde Pedro Luiz de Lafitte du Perron e de Maria Luíza Lafitte du Perron, natural de Bordéus e então morador na freguesia de Santa Isabel. Uma das testemunhas da cerimónia foi o Marquês de Alorna, D. Pedro.

Mais nada sabemos do *Vicente Borga* que tanto tem dado que pensar aos estudiosos da história da cidade, nem mais nada sabemos da sua descendência.

Antes porém de darmos por terminado o capítulo, vamos ainda dispensar algumas linhas, conforme atrás prometemos, a José Inácio Borchers Pimentel Maldonado, 5.º filho de Alberto Borchers e de sua mulher D. Teresa Joana.

Nasceu êle na casa da Rua da Mouraria em 29 de Março de 1734 e foi levado a baptizar à igreja do Socorro no dia 17 de Abril, onde o respectivo assento foi assinado, na qualidade de padrinho, por Joaquim Nobre Barros. Depois cursou Direito canónico e civil na Universidade de Coimbra, e em 1757 requereu carta de nobreza para ser nomeado cadete do regimento de Alcântara, o que decerto se verificou, visto sabermos que em 1763 ou 64 foi despachado tenente. Casou com D. Ana Josefa Joaquina Âncora, filha de António Baptista Âncora e teve dela as seguintes filhas:

Teresa Joana Luíza Pimentel Maldonado, que nasceu a 22 de Março de 1769 e morreu solteira na casa que possuía no Lumiar, em 9 de Abril de 1854;

Maria Lourença da Piedade Pimentel Maldonado, que nasceu a 10 de Agosto de 1770 e casou com quinze anos e meio, em 8 de Fevereiro de 1786, com António José Baptista de Sales; faleceu a 5 de Maio de 1835;

Ana Rita Pimentel Maldonado nascida a 11 de Novembro de 1771 e baptizada sob o apadrinhamento do desembargador João Fernandes da Silveira no dia 3 de Dezembro seguinte; casou em 3 de Janeiro de 1793 com José Alves Branco, tio-avô daquele Domingos Alves Branco Moniz Barreto que foi quem primeiro aclamou D. Pedro Imperador do Brasil, e faleceu a 3 de Outubro de 1806;

Mariana Colecta do Patrocínio Pimentel Maldonado, nascida a 6 de Março de 1773 e baptizada a 23 do mesmo mês; faleceu solteira a 14 de Maio de 1866;

Inês Vicência Pimentel Maldonado, que nasceu a 21 de Janeiro de 1776 e que também morreu solteira a 11 de Fevereiro de 1861; e

Faustina Jovita Antónia Pimentel Maldonado, que nasceu a 15 de Maio de 1777 e casou em 5 de Julho de 1798, no oratório das casas

de residência de José Alves Branco, com o brigadeiro Manuel António Tavares; faleceu a 23 de Agôsto de 1848.

De tôdas estas filhas de José Inácio Borchers, teve descendência que importa destacar, D. Ana Rita Pimentel Maldonado, casada, como já dissemos, com José Alves Branco. Mencionaremos, no entanto, apenas dois dos seus filhos:

Maria José Branco, que casou com José Cândido Rodrigues, tesoureiro do Banco de Portugal, de quem houve a José Cândido Rodrigues, nascido em Lisboa a 18 de Outubro de 1861, fundador do asilo de cegos conhecido pelos seus apelidos; e

José Maria Alves Branco, 1.º official do Ministério da Guerra, que casou com D. Emitéria Maria Ludovice de Brito, de quem teve, entre outros filhos, a Ermelinda Ernestina Alves Branco, depois casada com o notável cientista e escritor, conselheiro Luciano Cordeiro. Dêste casamento nasceu o nosso prezado e erudito amigo J. M. Cordeiro de Sousa, que portanto vem a ser sobrinho-trineto do até há pouco enigmático *Vicente Borga*.

Agora é que damos o capítulo por terminado, guardando para nós a satisfação de termos dado algumas novidades ao leitor curioso.

Relação das casas Foreiras, em 1539,

à Igreja de
S. Cristóvão

por FERREIRA DE ANDRADE

Os arquivos das igrejas paroquiais são fontes inesgotáveis de elementos preciosos à história toponímica das ruas de Lisboa.

Qualquer trabalho, pois, que queiramos fazer sobre esta ou aquela freguesia ou mesmo acêrca da mais apagada serventia pública torna-se impossível sem a consulta, ou melhor, a pesquisa paciente e aturada dêsse manancial de documentação.

Ao tentarmos, assim, escrever um estudo — a publicar brevemente — sobre a freguesia de S. Cristóvão, necessário foi respigar no respectivo arquivo paroquial tudo quanto de interesse surgisse para a elaboração da obra.

Investigados os assuntos dos vários actos eclesiásticos — baptizados, casamentos e óbitos — lidos os livros de Visitação, das despesas, etc., e ainda alguns registos da Irmandade fabriqueira do templo, dávamos por concluída a nossa tarefa quando, num feliz acaso, se nos deparou um documento de uma importância transcendente: nada menos que o tombo da Igreja de S. Cristóvão referente ao ano de 1539, isto é, trabalho anterior ao valioso *Sumário* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira e ao códice do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa o *Livro do Lançamento e serviço que a cidade de Lx.º fez a el-Rei Noso S.º, o ano de 1565*.

O manuscrito, intitulado *Instrumento de Tombo medição e confrontacoens das propriedades da Igreja de São Christovão desta Cid.º de Lx.º*, é um in-fólio de 0^m,305×0^m,215 com 31 fls., tem uma capa em pergaminho ainda bem conservada e é cópia do original escrito em 1539.

Transcrevemos, para melhor elucidação, a primeira e a segunda fôlha onde consta a razão da existência de tão importante documento, que reputamos hoje indispensável conhecer não só para o estudo topográfico e toponímico da freguesia de S. Cristóvão mas de algumas outras onde a igreja possuía, também, casas que lhe eram foreiras.

Dizem o Prior e Beneficiados da Parochial ig.ª de S. Christovão desta Cid.º que elles Spp.tes não tem carta de lemíte da ditta ig.ª e por falta de noticia andão alguãs fazendas sonegadas e lhe

não pagão o dizimo no que V. S.^a também he periudicado por lhe pertencer a terça da ditta ig.^{ia} por conto.

Pedem a V. S.^a lhe faça m.ce mandar passar sua carta de lemite de todas as fazendas e propriedades pertencentes á ditta ig.^{ia} de tudo o que constar do Tombo e mais liuros do Reuerendo Cabbido em forma que faça fé e...

Segue depois o despacho: *Passé do que constar, etc., 13 de Nouembro de 1673.*

E logo a diante, diz-nos o documento:

Encompim.^{to} do despacho assima do m.^{to} Reuerendo Cabido certefico eu Luiz de Mattos da Sylva conego prebendado na Sancta See desta Cidade E escriuão que ora siruo do R.^{do} Cab.^o que prouí o Livro sexto dos tombos das Igrejas deste Arcebispado q̄ esta no Cartorio do R.^{do} Cabido debaixo de tres chaues e nelle as folhas sesenta e seis arepartição do Tombo da Igreja de São Christouão na forma seguinte: — Innomine Domini Amen. Saibão quantos este presente publico Instrumento de Tombo medição e confrontacoens das propriedades da Igreja de São Christouão desta Cid.^a de Lx. virem, q̄ no anno do nascim.^{to} de nosso S.^{or} Jesu Christo de mil quinhentos trinta e noue annos. Aos dez dias do mes de Dezembro do ditto anno em a Cid.^a de Lx.^a Eu notario apostolico adiante nomeado por mandado do S.^{or} P.^e Jorge Roiz... notario da Sancta See Apostolica e Vig.^o Geral neste Arcebispado de Lx.^a pello Illustrissimo e muito Excellente principe S.^{or}... Dom Afonço e merce de Ds e da Santa Igreja de Roma Cardeal do tittolo de Sam João e Sam Paulo Inffante de Portugal Arcebispo de Lx.^a ettc. Com Andre de Abreu e Affonço Gil Benefficiados da ditta Igreja de São Christouão começamos a fazer este tomo das propriedades da ditta Igreja medindoas e confrontandoas declarando as pessoas q̄ as trazem e em q̄ pessoas e quanto pagam de foro a ditta Igreja em hũ anno segundo forma da constituição deste Arcebispado assy e damaneira como se ao diante segue//As pessoas q̄ as dittas propriedades trazem foram citadas e requeridas e forão presentes ao medir dellas segundo forma da da constituyção.

A freguesia que imediatamente vem descrita é, como não podia deixar de ser, a de S. Cristóvão, visto dentro da sua área possuir a Igreja um maior número de propriedades. Dela, portanto, nos iremos ocupar em primeiro lugar.

Título da freguesia de São Chistouvão

1.º — Adita Igreja de São Xpouzm tem huas cazas que traz Andre de Abreu beneficiado em a ditta Igr.º o qual he a primeira pessoa as quaes casas estão onde se chama o cham do Loureiro e sam de comprido pella banda do sul ao norte onze varas bem medidas e de largo tres varas e mea E partem da banda do norte com casas de São Vicente de fora q̄ ora traz And.º frz contador dos contos desta Cid.º e pella banda do norte digo do nordeste partem com casas q̄ forão de Manoel Esteues e com casa q̄ foram Joham de Lisboa que ora tem Lourenço de Abreu seu filho e da banda do Levante partem com hum quintal q̄ traz o ditto Andre de Abreu que he foreira a S^{ta} Cruz desta Cid.º e paga das dittas cazas de foro a ditta Igreja nouenta rs e hũa galinha por natal e he a primeira pessoa e foy presente ao medir e sam as cazas seguintes hũa sala e hũa camara no mesmo andar e em riba outra camara com hũa cozinha e em baixo tres logeas.

A margem dêste lançamento está escrito:

Este prazo possui Joaq Roiz de Aguiar esta metido nas cazas q̄ forão de M.^{el} Coelho, arrematouas em praça e se lhe fez novo emprazam.º cujo título e outros se achão no cart.º paga 400 rs e quarentena de Landemio.

2.º — A ditta igreja tem outras cazas na rua que vay p.^a São Lourenço (1) q̄ traz Margarida Correa molher de Ruy fernandes (2) aforadas da ditta Igreja E partem do Levante com trauessa que vay das cazas que foram de P.º Luiz Vigaíro das Capellas de del Rey D. Afonso p.^a a ditta rua (3) e do ponente e sul com cazas e quintal do Bp.º de Tangere (4) e do norte com rua publica as quais paga de foro cento e cincoenta rs e duas galinhas por natal e he a segunda pessoa. E tem em compido cinco varas e mea e de largo quatro varas bem medidas E tem hũa casa dianteira toda e em cima hũa Camara e hũa cozinha e em baixo hũa logea e sobre logea e foi presente o ditto Ruy fernandes ao medir.

3.º — A ditta Igreja outras casas nachada (5) as quaes traz Isabel Cardoso

(1) Actualmente rua das Farinhas. Cristóvão já assim a denominou se bem que lhe atribua também o nome de rua das farinheiras. O livro de lançamento e serviço, etc. designa-a por rua d.^{ta} q̄ bem de São Xpuão e acaba no adro de San L.º.

(2) Inocêncio da Silva fala-nos no Dicionário (vol. III, pág. 189) de um Rui Fernandes «tratador das lonas e bordates d'el-rei» que vivia no ano de 1531. Será a mesma pessoa?

(3) Já não existe hoje. Cremos ser a serventia que o Livro de Lançamento e serviço, etc., designa por trauessa q̄ esta na rua dr.º q̄ vay p.^a Sam Lourenço.

(4) O bispo de Tânger a que o tombo se refere é D. Nicolau Sacoto. A propriedade dêste assentava em chão onde hoje se levanta o prédio n.º 1 e 3 da rua das Farinhas. Até há poucos anos ainda a actual proprietária pagava ao Hospital de S. José um fóro que o dito bispo havia instituído. Sobre a história desta casa poderá o leitor colher alguns dados no nosso trabalho «A freguesia de S. Cristóvão».

(5) A actual rua da Achada.

e partem do Leuante com quintal de Ant.^o de Miranda E do ponente com rua publica dachada e do norte com cazas dos filhos q̄ foram de Bastião Afonço q̄ foy Barbeiro e do sul com casas da Fongo Matheus E paga por natal corenta rs p.^a hũa missa que se diz pella alma de Lianor Pires emxergueira e tẽ em cõprido sete varas e de Largo duas varas e mea e tem duas casas a saber hũa dianteira e hũa camara encima e embaixo hũa logea e sobrelogea as quaes casas sohia de trazer o chrante dalcaçoua de Sanctarem as quaes corenta rs paga por natal do Censo.

4.^o — A ditta Igreja tem outras cazas no cham dachada que traz Diogo Vieira clerigo de mitra q̄ partem do Leuante com quintal do ditto Antonio de Miranda e do ponente com o terreiro dachada e rua publica E do norte com Gregorio frz clerigo de mitra e com cazas suas e do sul com cazas daditta Isabel Cardosa Epagua de censo por dia de todosos Sanctos duzentos rs. p.^a hua missa cantada pella alma de Duarte Godinho e sua molher emfatiota e tem de comprido seis varas e duas terças e em largo tres varas e mea e tem hũa logea por baixo q̄ tem de comprido tres varas e de largo duas varas E tem hũa casa dianteira e duas camaras E são de dous sobrados e foy presente ao medir.

5.^o — A ditta Igreja outras cazas no chão dachada cõ hũ pedaço de quintal e parte do Leuante com o quintal do ditto Antonio de Mirante E do ponente com rua publica E do norte com quintal de Gonçaleanes almocreue e do sul com casas dos filhos do ditto Bastião Afonço que foi Barbeiro as quaes ora traz Gregorio fernandes clerigo da mitra yconimo na Madanella e paga de foro por natal sesenta rs e hũa galinha e he a primeira pessoa E he de comprido sete varas e de Largo cinco varas e mea e no mais largo duas varas e mea e tem em cima tres casas a saber hũa casa dianteira e hũa cozinha e camara e sobre camara E em baixo hũa logea com dous departamentos e foy presente ao medir.

6.^o — A ditta Igreja tem outras cazas no chão dachada q̄ tras Gonçaleanes almocreue (6) que partem com Gregorio frs clerigo de mitra da parte do Leuante e da parte de baixo com cazas do ditto gonçaleanes e paga emfatiota quarenta e cinco rs de tres missas rezadas em cada hũ anno por Sam João pellas Almas de João Afonço e sua molher e tem de comprido de norte ao sul seis varas eterça e tem de largo do poente ao Leuante pela banda do sul quatro varas e sexta.

7.^o — A ditta igreja tem outras casas q̄ tras Johão de Estremos (7) na rua

(6) No Livro de Lançamento e Serviço etc., aparece-nos nas Duas ruas q̄ começaõ em Sam Xpuão pera Sam Lourenço mencionado em Guoncalleanes almocreue em casas suas o que confirma a suposição que temos que umas destas ruas discorria pela Achada sendo portanto a mesma de que nos fala o Tombo. No livro II da Vereação (fls. 154) também consta a existência de um Gonçalo Eanes almocreue, morador em S. Cristóvão (1540).

(7) Pensamos em que este Johão de Estremos fõsse o Beato português que nesse mesmo século viveu. Ao verificarmos, porém, a data do falecimento do eremita agostinho, 1517, tivemos que pôr de parte tal ideia, pois o tombo da igreja refere-se ao ano de 1539.

Cristóvão cita no Sumário, na freguesia de Sam Thome, a rua de João destremoz, nome este que julgamos referir-se ao mesmo eremita.



IGREJA DE S. CRISTÓVAO
Fachada principal

Cliché Horácio Novais

das farinhas que vay p.^a São Lourenço que partem do norte com casas de Margarida Gomes E do Sul com casas de Valentim Soares (8) e do poente entestam com casas de ditto Valentim Soares e do leuante com rua publica q̄ vay p.^a São Lourenço E tem de comprido quatro varas e mea e de largo quatro varas mal medidas e tem duas casas assaber hũa no andar da rua e outro em cima E paga em duas pagas quinhentos rs e tres galinhas assaber por natal duzentos e cinquenta rs e duas galinhas E por São João outros duzentos e cinquenta rs e hua galinha e he a primeira pessoa.

A margem, encontra-se escrito: *Possue o Bisconde de Villa Nova da Cerv.ª.*

8.º — A ditto Igreja tẽ huas cazas detraz da capella do Arcebispo (9) sotam e sobrado e sam de comprido do norte ao sul pella banda do Leuante seis e de comprido do norte ao sul pella banda do poente sete varas e mea e quarta e do Leuante ao ponente de largo pella banda do norte quatro varas e terça e de largo do Leuante a ponente pella banda do sul cinco varas e mea e hũa terça bem medidas e parte do Leuante com rua publica q̄ vay das casas de Diogo da Sylveira p.^a o Loureiro (10) e do norte com rua que vay da ditto Igreja p.^a as casas de Dom Alvaro (11) e do sul com cazas q̄ forão de Johão de Lisboa (12) escriuão que foi das obras da ditto cidade e do ponente com casas e quintal do ditto Joham de Lisboa e as da ditto Igreja tem huã genella antiga com suas couceiras sobre o ditto quintal do ditto Joham de Lisboa as quaes casas traz Lourenço de Abreu filho q̄ foi do ditto Joham de Lisboa o qual he a terceira pessoa e paga de foro por natal quatro centos rs e duas galinhas e não foi prezente ao medir por ser na India.

9.º — A ditto Igreja de Sam Xpouam tẽ outras cazas q̄ estão na rua que vay

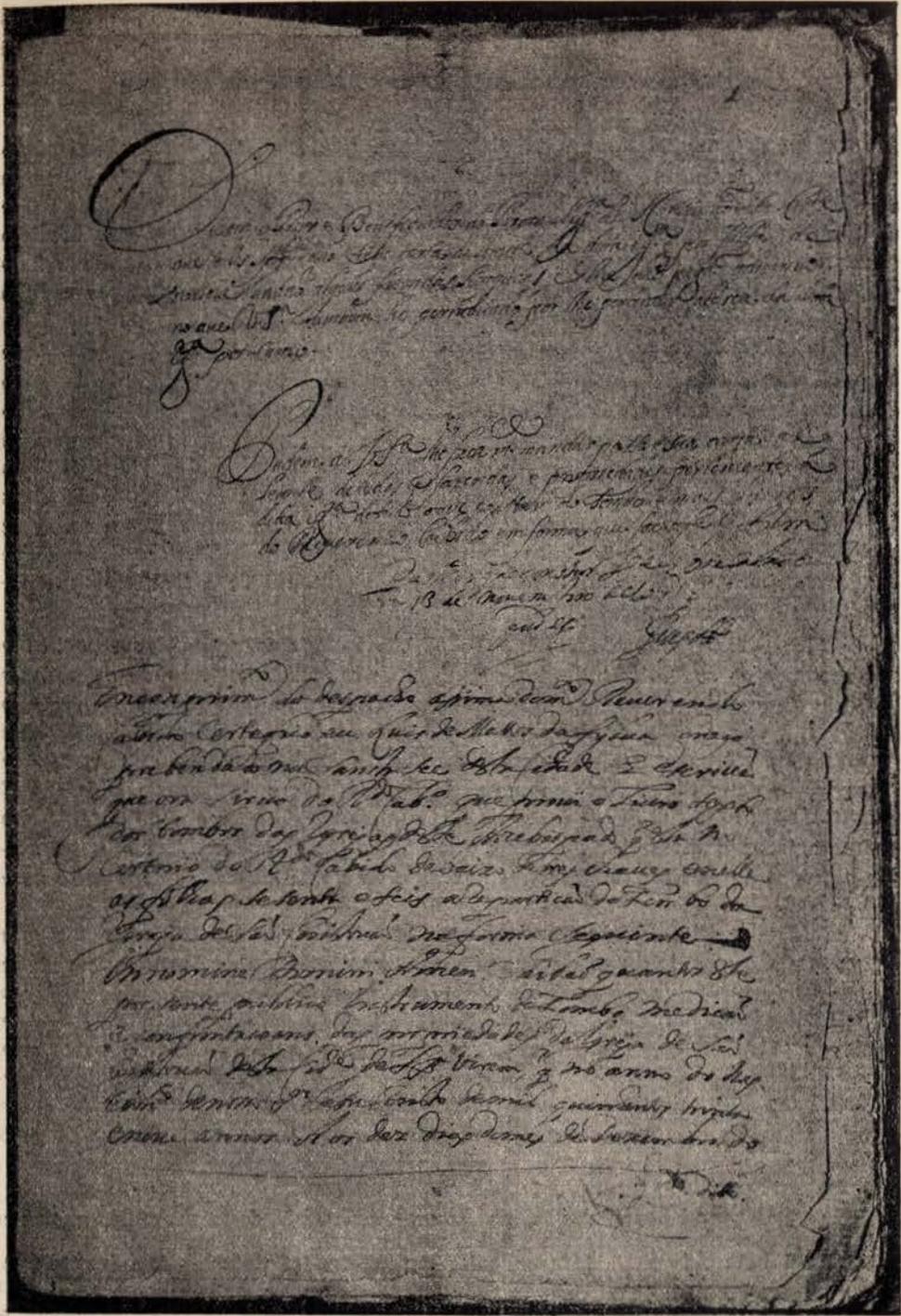
(8) Este Valentim Soares deu o seu nome (ver Cristóvão, na parte referente à freguesia de S. Cristóvão) a uma travessa, talvez a que atrás dissemos existir com a designação de *travessa q̄ está na rua dr.^a q̄ vay p.^a Sam Lourenço.*

(9) Refere-se à Capela dos Mirandas erecta na Igreja de S. Cristóvão. Nela repousam os ossos de alguns membros da familia Gonçalves de Miranda. Foi instituída pelo Bispo D. Martinho Afonso Pires da Charneca facto que levou alguns escritores a considerarem a igreja paroquial de S. Cristóvão como fundação sua. No nosso trabalho já citado encontrará, porém, o leitor, além de alguns dados sobre a familia Miranda, a documentação de que nos servimos para provar a existência do templo já no primeiro quartel do século XIII.

(10) O actual beco da Atafona deve discorrer pouco mais ou menos por onde em 1539 passava aquella artéria. As casas de Diogo da Silveira assentavam em chão onde hoje se ergue o Palácio de S. Cristóvão.

(11) Talvez a artéria antecessora do actual Largo de S. Cristóvão na parte que roça com a Calçada do Marquês de Tancos.

(12) Quem era este João de Lisboa — de quem já nos falou o prazo n.º 1 — escrivão das obras da Cidade e que em 1539 estava na Índia? João de Lisboa que escreveu o célebre *Livro de Marinharia* faleceu entre 1523 e 1525 (Prefácio ao *Livro da Marinharia* publicado a expensas do Duque de Palmela, página LVII) pelo que temos de pôr de parte a ideia de que fôsse elle o proprietário das casas foreiras à igreja de S. Cristóvão. Outros pilotos houve com idêntico nome. A qual deles se refere, porém, o *tombo* é que nós ignoramos.



REPRODUÇÃO DA PRIMEIRA FÓLHA DO TOMBO DA IGREJA
DE S. CRISTÓVÃO

Cliché de Mário Novais

p.^a o cham dalcamy ⁽¹³⁾ p.^a o Loureiro assaber que tem duas logeas hũa sobradada e outra terrea e sam de comprido do Levante ao ponente sete varas e terça e de largo de norte ao sul pella banda do ponente quatro varas e quarta e parte do norte com rua publica e do sul com casas de Joham nunes alcayde e do Levante com quintal de Dom Afonço de Menezes as quaes ora traz francisco Luis escriuão da Rellação do S.^o Arcebispo e paga por Nataç cem rs e tres galinhas e he a primeira pessoa e foi presente ao medir.

10.^o — A ditta Igreja tem huas cazas a saber duas logeas hũa sobradada e outra terrea e sam de comprido de norte ao sul noue varas e da banda do norte do Levante ao ponente de Largo quatro varas e serma e da banda do sul de largo de Levante a ponente quatro varas menos oitaua e do norte parte cõ rua publica que vaay p.^a diante das cazas q̄ forão de Dioguo de Sylveira e sam ora de Dom Alvaro ⁽¹⁴⁾ e do sul com beco q̄ esta antre estas casas e as do Morgado de Dona Violante de Miranda e do Levante com casas da See e do ponente com casas da ditta Igreja as quaes ora traz Ana Manoel filha de C.^a Roiz E paga destas e das ao diante escritas ambas mysticas duzentas e cinquenta rs e tres galinhas por natal e he a primeira pessoa.

11.^o — A ditta Igreja outra casa parede meas com estas atraz escritas a sob as casas de Diogo da Sylveira a qual he de comprido pella banda do ponente e do norte ao sul seis varas e duas terças e pella banda do Levante do norte ao sul oyto varas e mea. E pella banda do sul de largo do Levante a ponente tres varas e mea E parte do Levante com cazas da ditta Igreja e do norte com rua publica que vem perante as casas de Dom Alvaro e do ponente e do sul cõ rua publica q̄ vem das dittas casas do ditto Dom Alvaro pera o chão do Loureiro as quaes traz a ditta Anna Manoel filha da ditta Caterina Ruiz e paga destas e das atraz escritas duzentos e cinquenta rs e tres galinhas por natal e he a pr.^a pessoa.

12.^o — A ditta Igreja tem hua casa terrea q̄ foy forno em outro tempo e foy sobradada e he de comprido do norte ao sul pella banda do Levante tres varas e mea e do ponente de comprido do norte ao sul outras tres varas e mea de largo E pella banda do norte ao Levante a ponente tres varas e oytava E de largo da parte do sul de Levante a ponente tres varas e terça E do Levante parte com casas de Alvaro do Tojal juiz da balança da Caza da India ás quaes fazem foro a Ruy Lobo E a ponente com casa delle mesmo E ao sul cõ azinhaga q̄ he entre as casas de Pero de Serpa E a ditta Igreja. Ao norte com beco q̄ vaay do poço

(13) O actual Largo do Caldas. Sôbre a toponímia desta serventia queira o leitor consultar o nosso trabalho «A Freguesia de S. Cristóvão».

(14) Refere-se a D. Álvaro de Bragança que foi Regedor das Justiças. A propriedade depois de pertencer à casa de Bragança veio a cair na posse dos Condes de Aveiras e Marqueses de Vagos. É o palácio onde hoje está instalada a Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa. Sôbre a sua história pode igualmente o leitor consultar a obra a que nos temos referido.

do Loureiro p.^a a ditto casa ⁽¹⁵⁾ a qual ora tras aforada o ditto Alvro de Tojal E paga de foro por São João oytenta rs e duas galinhas e he a primeira pessoa.

13.^o — A ditto Igreja tem outras cazas sobradadas na rua direita q̄ vem do chão dalcamy pera a ditto Igreja ⁽¹⁶⁾ e são de comprido do Leuante ao ponente oyto varas e de largo ao ponente trez varas menos quarta e de largo ao Leuante tres varas e duas terças e do Leuante partem com a ditto rua publica e do ponente partem com o quintal da ditto Igreja q̄ anda com as dittas cazas mistico E ao norte partem com o adro da ditto Igreja e calçada que vay para Santa Justa ⁽¹⁷⁾ E ao sul partem com cazas do Hospital de todos os santos as quais cazas traz Rodrigo Aluso Criado do Regedor ⁽¹⁸⁾ e pagua em duas pagas por Sam Joam E paschoa quatrocentos rs e duas digo quatro galinhas e he a primeira pessoa E não foy prezente ao medir por estar en monte mor o nouo.

A margem da fôlha onde vem lançado êste tombo está escrito: — este prazo e o q̄ se segue estão mettidos nas cazas q̄ forão do Doutor Domingos Antunes Portugal ⁽¹⁹⁾ e por morte ficarão asseos filhos resta averiguar o titulo por q̄ possuem.

14.^o — A ditto Igreja tem em estas cazas atraz escriptas hum quintalinho mistico com as dittas cazas de comprido pela banda do norte de Leuante ao ponente tres varas e terça bem medidas e de comprido pella banda do sul do Leuante ao ponente tres varas e outauz e de largo de Leuante ao ponente do norte ao sul tres varas menos quarta e parte do norte com calçada que vay de Sam Christovão p.^a Santa Justa ⁽²⁰⁾ e do sul com quintal das cazas do Hospital de todollos Sanctos

⁽¹⁵⁾ Estas serventias deveriam discorrer por onde hoje fica o quintal do Palácio de S. Cristóvão. O Livro de Lançamento e serviço etc., acusa-nos a sua existência quando se refere à rua do chão do Loureiro cõ suas travessas.

O poço do Loureiro aparece-nos mais algumas vezes citado noutros documentos que conhecemos.

⁽¹⁶⁾ Actual rua do Regedor.

⁽¹⁷⁾ As escadinhas de S. Cristóvão de hoje.

⁽¹⁸⁾ Regedor da Casa da Suplicação. Vivia no Palácio de S. Cristóvão, como já dissemos.

⁽¹⁹⁾ Pelo Tombo de 1755 sabemos que a propriedade pertencente ainda, nesse ano, aos herdeiros do Dr. Domingos Antunes Portugal, se não queimou. Tem hoje o n.^o 11 da Rua do Regedor e esquina para as escadinhas de S. Cristóvão onde tem os números de polícia, 1, 3 e 5. O dr. Domingos Antunes Portugal, de que nos fala o Tombo de 1539, foi cavalleiro professo da Ordem de Cristo e era natural de Vila de Penamacor. Exerceu os lugares de Desembargador da Relação do Pôrto e da Casa da Suplicação e de Deputado do Conselho Ultramarino. Morreu em Lisboa no ano de 1677 (Biblioteca Lusitana, tomo II, pág. 689). Em 1699 residiu no mesmo prédio Francisco Jorge Antunes Portugal (L.^o 4.^o de Cas., da freg. de S. Cristóvão), em 1719 o Dr. Domingos Antunes Portugal casado com Dona Teresa de Jesus Silveira (L.^o 5 de Bapt. e L.^o 5.^o de Óbitos) e em 1740 António Coelho Portugal e sua mulher Dona Maria Joaquina Soares (L.^o 7.^o de Bapt.). No ano fatídico do terramoto residiam no edificio os irmãos Plácido e António Antunes Portugal, ambos padres, (Rol das desobrigas da mesma freguesia). O prédio pertence actualmente ao Senhor Eugénio de Sousa.

⁽²⁰⁾ As actuais escadinhas de S. Cristóvão.

e ao Leuante com as dittas cazas da Igreja ao ponente com cazas de Santa Justa que ora traz Anna da Costa O qual quintalinho traz o ditto Rodrigo Aluso com as dittas cazas e paga de tudo os dittos.

15.º — A ditto Igreja tem huas casas na achada a saber duas logeas e hũa dellas he sobradadas de sam de comprido ambas do norte ao sul onze varas e de largo, pella banda do norte do Leuante a ponente quatro varas bem medidas e de largo pella banda do sul ao Leuante a ponente tres varas e tres quartas. E partem ao norte com quintal do morgado de Luis de Brito. E ao ponente com quintal e casas que ora tras Diogo Pirez beneficiado em Santa Justa E do Leuante cõ terceiro da ditto achada e do sul com trauessa publica as quaes ora traz Cosmo dias pedreiro E paga de foro por natal duzentos rs e he a primeira pessoa e foy presente ao medir.

16.º — A ditto Igreja tem hua casa sotam e sobrado e he de comprido do Leuante ao ponente quatro varas e mea e oytava e do Leuante de largo tres varas e sexma e ao ponente tres varas E parte do sul com casas de Diogo de Belmonte e com casas q̃ são foreiras ao Hospital de todos os Santos As quaes casas tras aforadas Diogo Aluso Beneficiado em São Bartholomeu e pagua de foro por natal duzentos rs e duas galinhas e he a primeira pessoa e foy presente ao medir (21).

17.º — A ditto Igreja tem outra casa terrea defronte destroutra a qual he de comprido de parte do Leuante cinco varas e mea bem medidas e do ponente de comprido quatro varas e duas terças e da banda sul de largo tres varas escasas e da banda do norte outro tanto E partem do norte com cazas q̃ são de fr.º fernandes E do Leuante com cazas de Diogo Lopes e do ponente e do sul com a rua publica. As quaes ora traz o Doutor Gaspar de Carvalho desembargador delRey E paga por São João trezentos rs e duas galinhas E he a terceira pessoa.

18.º — A ditto Igreja outras casas com seu quintal dante aporta e sam de comprido da banda do sul quatro varas e mea e quarta, e da banda do norte de comprido tres varas e mea e oytava E da banda do Leuante sam de largo quatro varas menos sexma e do ponente de largo outro tanto e partem do sul com casas da Cid.º e que ora traz aforadas Margaridas frz.º e da banda do Leuante com quintal de Antonio de Miranda. E do norte com casas do Hospital de Todos os Santos. E do ponente com quintal da porta o qual quintal he de comprido do norte ao sul quatro varas e do Leuante ao ponente quatro varas e sexma e parte do Leuante com as ditas casas da dita igr.º e ao norte com casas da See e do sul ao ponente com ruas publicas as quais cazas e quintal traz aforadas Pedrulues clerigo de mitra E pagua por natal vinte rs e hũa galinha e he a primeira pessoa e foy presente ao medir.

19.º — A ditto tem hum pardieiro na trauesinha da mão direita quando vam p.º a rua das farinhas (22) o qual he da parte do Leuante cinco varas menos

(21) Pelas confrontações desta propriedade e as do prazo que se lhe segue somos levados a concluir que ela se situava no sitio da Achada.

(22) Não nos devemos enganar se considerarmos esta via pública como a antecessora do actual beco das Gralhas.

sexma E ao ponente de comprido quatro varas e mea e oitava E de largo ao norte tres varas e quarta E ao sul de largo tres varas e mea E parte ao norte com casas da ditta Igreja que ora traz Gonçalo mendes çaquoto adail mor e paga por natal oytenta rs e hũa galinha e he a terceira pessoa.

Escrito à margem: *Possue o Medico Franc.º Mrz conforme a cota feyta ao Item 27 deste Tombo. Dêste falaremos mais adiante.*

20.º — A ditta Igreja de São Christovão tem hũas casas no monturo do bonete (23) e sam de comprido da banda do Leuante nove varas menos oitauz e da parte do ponente de comprido oyto varas e mea E de Largo da parte do norte quatro varas e oytava E da parte do sul de largo tres varas e mea E partem da parte do Leuante com o pardieiro de Nuno Godinho E do ponente com rua publica q̄ vay p.º o ditto monturo do bonete E do norte que he do pardieiro da ditta Igreja e a banda do sul cõ casas de Estevão de Britto qua forão do orelhano (?) As quaes casas traz o Doutor gaspar Vaz E paga de foro por Pascoa oyto centos rs e duas galinhas e he a p.º pessoa.

21.º — A ditta igreja tem hũ chão que traz Antonio de Miranda mistico com seu quintal e he de largo pella banda do norte ao ponente cinco varas menos sexma e pella banda do Leuante ao norte ao sul de comprido quinze varas e mea e desta banda partem com casas da ditta Igreja e pela banda do ponente ao sul quinze varas e pagua vinte rs e dous frangos por Paschoa e he a primeira pessoa.

22.º — A ditta Igreja tem huas casas sobradadas a saber camara e casa dianteira com hũa cosinha q̄ vay sobre a rua q̄ taparam com sua logea de baixo da ditta camara e casa dianteira na sua freguesia na Ruá que vem da Costa para o chão de Alcamy (24) as quais estão defronte das cazas de P.º Teixeira e sam de comprido do norte ao sul des varas E são de Largo do Leuante a ponente cinco varas menos sexma e partem do Leuante com a ditta rua que taparam ante Pero de Serpa (25) e as sobreditas casas E do ponente partem com casas de Diogo de Lemos e da parte do norte partem com casas de fernão Lourenço feytor q̄ foy da casa da Mina as quais ora traz Alexandre Lopes E pagua seiscentos rs e quatro galinhas e he e primeira pessoa.

(Continua)

(23) Sôbre esta serventia, (actuais escadinhas de S. Cristóvão) além do nosso trabalho já citado pode o leitor consultar a obra do sr. Pastor de Macedo, «Tempos que Passaram».

(24) O Chão de Alcamy, já o dissemos, é o actual largo do Caldas. A serventia a que o Tombo se refere, se bem que a não possamos localizar devidamente, era uma das que atravessava todo o terreno hoje ocupado pelo largo do Chão do Loureiro.

(25) Veja-se prazo n.º 2. Por um documento pertencente ao nosso amigo sr. Conde Almada e dado a lume pelo sr. Pastor de Macedo na «Lisboa de Lés a Lés» (Vol. V, pág. 65 e 66) sabemos que as casas de Pero Fernandes de Serpa confrontavam com as de D. Antão de Almada que ficavam situadas na rua do Regedor pouco mais ou menos onde hoje vemos os quintais do Palácio de S. Cristóvão.

Vendedores Ambulantes

Conferência realizada em 15
de Junho de 1943 na sala do
Grupo «Amigos de Lisboa»

por ALFREDO AUGUSTO LOPES

Vou falar sôbre vendedores ambulantes e pregões alfacinhas.

O assunto que vou apresentar, e que desejava expor o melhor possível, não será completo, mas vou, pelo menos, dar uma idéia do que foram os vendedores ambulantes doutro tempo e de agora, assim como descrever os seus hábitos, os seus pregões, etc.

Farei uma apreciação justa e verdadeira, às suas qualidades, boas ou más, baseado no que tenho visto, desde 1900, pouco mais ou menos.

Tenho visto muita coisa escrita sôbre o assunto que vou versar, decerto mais proveitosa e menos aborrecida, por ser escrito em português rico, e o meu é pobre e modesto como eu.

Que me desculpem alguns autores e desenhadores, visto que uma coisa concorda com a outra, mas eu estou em desacôrdo com algumas estampas e desenhos. Aquêles, muito estilizados, êstes, nas mangas das camisas ou blusas, e ainda barretes de setim, saias de balão, etc., não discutindo se estão mal ou bem apresentados.

Mas os meus vendedores não são assim. Os meus, apresento-os como os conheci e conheço: elegantes ou não, feios ou bonitos, e pregões, bem ou mal pronunciados ou musicados.

Empregarei linguagem um tanto rude, compatível com o género, em vez de fraseado lírico, apresentando o melhor possível, uma partícula de Lisboa, de que os bons lisboetas têm saúdades.

Falarei muito, mas menos do que sei, porque o tempo não chega, e se me não tornar aborrecido, completarei noutra ocasião, o que agora fica por dizer.

Imitarei as palavras dos vendedores, para que a palestra tenha mais sabor, não usando de palavras que êles não empregavam nem empregam, porque então estaria nos casos dos desenhos e vestuário, com que não concordo.

Assim, não direi alfêloa, mas direi «arfela».

Não direi abat-jours, mas sim «baijús».

Direi «fiscal» e não frescal, referindo-me a sarda.

Direi «saravété» ou «saravéte», falando de sorvete.

Não direi quem quer, mas direi, «ói-er» ou «qui é quer», etc., etc.

Procurarei com a minha pobre palestra, agradecer aos AMIGOS DE LISBOA; que meus AMIGOS SÃO.

Desejaria escrever música, para apresentar a usada nalguns pregões, que esta Cidade ouviu, em lindas manhãs, tardes e noites, que já lá vão há tanto tempo.

Desejaria ainda, apregoar, mas não me é permitido fazê-lo.

Infelizmente não tenho o dom da palavra, não sei escrever música, nem posso apregoar, e sem êstes dotes e factor, ficam V. Ex.^{as} mal servidos.

Resta-me a satisfação, possivelmente errada, de conhecer os hábitos, os tipos e os pregões, dos vendedores profissionais ou não, doutro tempo e de agora, e desta maçada a que vou sujeitar V. Ex.^{as}, é possível que se aproveite alguma coisa.

Vou pois sentir-me menino e moço, recordando a época que passou desde 1900, e faço-o apaixonado pelo tempo que foi e não volta, e também por querer muito à minha terra (LISBOA), que escrevo com letra bem grande, porque ela bem merece.

E vou começar sem mais demoras, porque o tempo é pouco, e não quero maçar muito.

Peço no entanto a V. Ex.^{as} que me perdoem a maçada, e que tenham benevolência para êste principiante.



Começo por descrever, o que se vendia e como se vendia e vende, em Lisboa.

Abat-jours para candieiros, pendurados num pau.

Água, em barris, aos ombros ou em carros, em bilhas de fôlha e de barro, sem copo ou com copo.

Alhos, em cabazes ou pendurados em arcos de madeira, a granel ou aos molhos.

Amendoíns, em barcos de fôlha ou zinco e em cabazes, por medidas de barro ou madeira.

Amoras, em pequenos cestos, com um garfo, e metidas na bôca do freguês.

Animais, vivos ou mortos, em rebanho, de braçado, ou pendurados em paus ou aos ombros.

Arame — trabalhos em — como torradeiras, cabides, armações para abat-jours, molduras, etc.

Aves, vivas ou mortas, em canastras, gaiolas ou bandos e de braçado, ou ainda penduradas em varas ou nas mãos.

Azeite, petróleo e vinagre, em latas especiais, bilhas e barris, conduzidas pelo próprio ou em animais.

Azeitonas, em alguidares de zinco, fôlha ou barro, em barris e em celhas, e em tachos e panelas, também de barro; aos ombros, à cabeça, em animais e em carroças.

Bacalhau, em carroças de mão.

Bandejas, com fotografias de pessoas ilustres e de criminosos.

Bebidas alcoólicas, em garrafas, servidas a copo ao freguês.

Bengalas, em feixe ou molho.

Bijouterias, em cestos, vitrines, caixas e à mão-cheia.

Bolos em cestos, latas, baús de fôlha e tabuleiros de madeira, com toalhas ou não, cobertos ou descobertos, e com pó ou sem êle.

Brinquedos, em cabazes, padiolas, armações de madeira, em latas com água, atados com cordéis, etc.

Café em pó, em caixas de fôlha; e líquido, em cafeteira, e servido à chá-vena ou com um púcaro de fôlha.

Carnes, em canastras, cestos, ou caixas denominadas batéis, conduzidas pelo próprio, em animais ou carros próprios.

Carqueja, aos molhos, pendurados em quantidade, num pau.

Castanhas, em cabazes, caixas de madeira, assadores, carros, gigas, latas-fornos, panelas, e também em máquinas de combóio; cruas, assadas ou cozidas, quentes ou frias.

Doces, em vários tipos, gôstos e feitios, expostos e vendidos de muitas e variadas maneiras.

Emblemas com fotografias, escudos, bandeiras, etc.

Espanadores, pendurados noutros espanadores maiores.

Estatuetas, em barro, louça, biscuit, etc.

Farpas, nas praças de touros, antes e depois das corridas.

Farturas, em tabuleiros de fôlha, cabazes carros, vitrines, etc., com açúcar e sem açúcar, quentes ou frias.

Favas, cruas, cozidas, fritas ou torradas; em gigas e cabazes, em latas e panelas.

Flores, plantas, fôlhas e ervas, em vasos pequenos e grandes, ramos e raminhos ou aos molhos.

Folhetos, histórias, versos e almanaques, à mão-cheia.

Fotografias, de pessoas ilustres e de criminosos, assassinos ou ladrões.

Frutas, de todos os tamanhos, qualidades e procedências, em gigas, cabazes, carros, padiolas, em cachos, aos molhos, às dúzias e a pêso.

Gelados em latas, carros, caixas, etc., às colheres e colherinhas, em copo de vidro ou papel, embrulhados em papel vulgar ou prateado, em pastilhas de farinha, pãzinhas de fôlha ou madeira, e ainda em garrafas, etc.

Hortaliça, aos molhos grandes e pequenos, em gigas, cabazes, carroças, carros, padiolas, e em animais vários.

Jornais, revistas, panfletos, listas, cartas abertas e até fechadas; em malas de pano de algodão ou lona, de braçado ou estendal.

Leite, em bilhas grandes e pequenas, medido ou mungido, de vacas e de cabras, puro ou composto com água e outros líquidos mais...

Limpeza e higiene — artigos de — em cestos, gigas, e expostos de qualquer maneira.

Livros, em malas, padiolas ou de braçado.

Lotarias, de muitas maneiras, por cauteleiros com farda ou sem ela, com gravata ou infundindo miséria, exposta pelo próprio vendedor, ou empregando animais e usando os processos mais extravagantes.

Louças de barro, fôlha e esmalte, em gigas, canastras e padiolas.

Manteiga, em cestos.

Mariscos vários, em cestos, alcofas e tabuleiros de madeira ou fôlha, a conto, por medida ou pêso.

Molduras e espelhos, em cabaz ou a granel.

Móveis, em cana ou madeira, em atado, aos ombros.

Óculos e lunetas, em vitrine.

Oleados, esteiras e tapêtes, em rôlos ou estendal.

Ovos, em cabaz.

Palitos, aos maços e macinhos.

Pão, em cabazes, aos ombros ou em animais.

Papel para escrever e outros papéis, à mão-cheia ou em cabaz.

Peixe, em canastras, cestos, caixotes, conduzido pelo vendedor ou em animal, à dúzia ou a quilo.

Pentes, à mão-cheia e em cesto.

Perfumes, bons e maus, feitos com os respectivos produtos, ou com água e com cheiro, só na rôlha do frasco...

Pevides, em cestos e em pequenas caixas de cartão ou madeira.

Pinhões, em cestos e tabuleiros, por medida, a pêso, com casca e sem casca, em enfiadas.

Postais ilustrados, em colecções e desirmanados, ou em vários trabalhos, como: candieiros, centros de mesa, cestos, etc.

Protectores para calçado, em cartas, à mão-cheia.

Queijos frescos e sêcos, em bom e em mau estado, em tabuleiros de madeira e fôlha, ceirões, carros de mão, padiolas e canastras, conduzidas pelo próprio ou por animal.

Quinquilharias, em cabazes, vitrines, carros próprios, lancheiras, maletas, e à mão-cheia.

Refrescos, em mezinhas de fôlha, zinco ou madeira, e até numa elegante e bem apetrechada caminheta, servidos a copo, com limão ou sem êle.

Rendas e bordados, em fardos e em estendal, a metro e à peça.

Roupas finas e grossas, para senhoras e cavalheiros, em cestos, estendal e aos ombros.

Rifas, em pequenas caixas de charutos ou em copo de vidro, para objectos conduzidos em cestos, mas que nunca saem.

Sabonetes medicinais ou outros, em caixas e cabazes.

Sal, em sacos lavados, (às vezes), a prato, à pá e a pêso.

Sinas, em pequenas caixas de charutos ou cartão, ou à mão-cheia.

Sanduíches e lanches, em cabazes e cartuchos.

Tabaco, em vitrines.

Temperos, em cabazes ou aos molhos.

Tremoços, em alguidares de barro ou zinco, em sacos sôbre burros, em padiolas e tabuleiros, molhados e a sêco.

Vidros de tôdas as qualidades, tamanhos e feitos, em cabazes, padiolas, gigas e à mão.

Além de tudo isto, havia também ambulantes que não vendiam, mas compravam, tais como:

Mulheres que compravam cabelo, para o que usavam pequenos sacos de riscado.

Homens, denominados «ferro-velhos», que compravam e compram, tudo que lhes aparece, para o que usavam, um cesto, um saco de linhagem e uma balança dinamómetro.

Mulheres que compram trapos e garrafas, para o que fazem uso dum saco de linhagem, cujo negócio começou durante a outra guerra e ainda continua.

Homens que compram calçado e chapéus velhos; negócio muito recente, e ainda os que compram peles de coelho.

Há ainda algumas indústrias ambulantes, tais como:

Engraxadores, muito diferentes daquêles que apareceu e desapareceu há muitos anos, e de que falarei em devido tempo.

Homens e rapazes, denominados amoladores, que consertam chapéus de chuva, louças várias e amolam tesouras, facas e navalhas e também ferramentas.

Fotógrafos, que se apresentavam com uma máquina fotográfica, uma lata com água e um frasco com qualquer produto necessário à indústria, com tudo muito sujinho... mas êstes quasi desapareceram, afastando-se para as feiras e arraiais, etc., os quais foram substituídos por outros, mais delicados, mas muito abusadores e por êsse motivo, deram lugar aos mais recentes, que pedem sempre autorização para fotografar o freguês. Aqueles e êstes trazem consigo, duas máquinas, uma nas mãos, outras às vezes, sem combustível, no estômago...

Há também aquêles, que não vendem, nem compram, mas pedem, e são êles:

Os denominados, das «cascas», que pediam-apregoando, cascas de favas e ervilhas.

Mulheres, que trocavam dinheiro em cobre, por prata.

As ciganas, que liam e lêem a sina na palma da mão, que encobrem o «santíssimo» com um pano, junto ao qual, ficam os cordões e outras peças de ouro, cujos objectos desaparecem, para que os amores sejam correspondidos...

Os saltimbancos, que outrora eram uma vergonha, na cidade.

Os cegos, que cantavam fados e canções, para o que usavam guitarras e violas, substituindo-se aquelas, por tangos, rumbas e marchinhas, e êstes, por harmónios, violinos e banjos.

Recordo a propósito, aquela galega, que aos Domingos e dias de nomeada, acompanhada de dois garotos, um rapaz e uma rapariga, (galegos também) faziam constantes travessias nos barcos Lisboa-Cacilhas e vice-versa, obrigando ela, um velho violino, a gemer, a guinchar, a espreguiçar-se e a torcer-se, para fabricar música, com que os galeguitos cantavam, entre outros, êste verso:

*Aquele senhor que ali está.
De gravatinha encarnada.
Sabe dar um geitinho aos olhos.
Para ver a sua namorada.*

E ainda os pantomimeiros ou charlatães, que davam e vendiam, medicamentos, perfumes, sabonetes e vários produtos e alugavam os seus fonógrafos, e faziam rir, com as suas aneddotas e palhaçadas. E mais e muito mais havia, mas não me recordam ou não conheci.



Refiro-me em seguida, à tendência que algumas crianças têm para a venda ambulante e para os pregões.

Desde os meus tempos de menino, verifiquei que as crianças encontram na venda ambulante e nos pregões, motivos para os seus entretenimentos.

Elas especialmente, entretêm-se com uma pequena tábua ou fundo de velha panela, com umas pedrinhas em cima, apregoando, o carapau fresco, a salpicadinha da costa, as uvas, a hortaliça, etc. Sabem discutir e regatear com as freguesas, como se fôsem pessoas crescidas.

Os rapazes procuram artigos próprios, para vender, mas a sua especialidade, era noutro tempo, o teatro.

Hoje, dedicam-se à venda de jornais, próprios da sua idade, e também à venda de revistas de cinema, abandonando alguns, a escola, para se associarem desinteressadamente, (às vezes), aos pequenos «ardinas». Os pequenos jornais e revistas de cinema, vendem-se às portas dos cinemas baratos.

Sobre a tendência dos rapazes para o teatro, era vulgar noutros tempos, construírem um teatrinho, com um caixote de velas, que era fornecido pelo sr. «Zé da Tenda», comprando-se na capelista da D. Mariana, os cenários, personagens e adereços, custando tudo aquilo, 25 ou 30 réis.

Construído o teatro... e feita a respectiva vistoria... o próprio empresário vendia os bilhetes, apregoando e impondo:

*Quem quiser ver o «treato», há-de dar dois botões...
Quem quiser ver o «treato», há-de dar dois alfinetes...*

Os espectadores arranjavam com facilidade as moedas, arrancando-as do bibe ou dos calções, e quando não havia mais moedas destas, procuravam-se outras, assim:

*Alfenêtinho.
Cabeça de linho.
Dá cá um.
Que não tenho nenhum.*

E depois de rebuscarem algum tempo, nas pedrinhas da calçada, conseguiam as moedas para ir ver o teatro...

Começava assim para muitos, a venda ambulante e os pregões...

Hoje, ainda algumas meninas mantêm a tendência para a venda ambulante, quando brincam, mas os rapazes perderam o gosto pelo teatro, e dedicam-se ao cinema e à bola... isto tratando de se divertirem, porque a sério, vendem jornais, pois gostam de vender e de apregoar.

A propósito, conto a V. Ex.^{as}, um caso presenciado por mim, há pouco tempo.

Foi visto por um polícia, na Rua da Palma, um rapazinho pendurado ou colocado num estribo dum carro eléctrico, num lugar em que não devia ir, pelo que foi para a próxima esquadra.

Pouco depois aparece o pai do pequeno, na estação policial.

Era uma pessoa respeitável, de bom aspecto, no vestir, boas palavras, mas muito exaltado.

O filho, também teria bom aspecto no vestuário, pelo menos, se não andasse a enganar o pai, mas assim, andava muito desmazeladinho.

O pai, barafustou, gesticulou, disse muitas coisas contra o polícia captor e contra os polícias, por lhe terem prendido o filho, pois era estudante, era menino fino, não era rapaz da rua, etc., etc.

Aconselhado a não fazer muito barulho, não foi fácil modificar-lhe a atitude, e quando a discussão entre o pai do pequeno e o chefe da esquadra, estava no maior calor, entra um pequeno «ardina», e sem mais «aquelas» diz para o seu colega improvisado:

— Ó pá, olha o dinheiro dos «resnais».

É que o «ardina» improvisado, com a atrapalhação, quando foi preso, tinha deixado cair o dinheiro da mercadoria.

V. Ex.^{as} estão a ver a cara do pai do vendedor de jornais de ocasião, convencido que êle tinha mais queda para as letras...



E voltando ao assunto principal:

Os vendedores ambulantes noutro tempo, isto é, até Julho de 1921, traba-

lhavam sem pagar contribuições. Qualquer pessoa que, pretendia negociar na venda ambulante, só tinha o cuidado de aferir os instrumentos de pesar ou medir, de que precisava para exercer o seu comércio, mas à parte disso, havia muitas coisas em que devia ter cuidado, como por exemplo:

Não podiam apregoar senão por meio da sua voz, pois antes de 28 de Julho de 1899, tocavam-se cornetas, tambores, ferrinhos, batia-se em panelas, etc.

Não podiam apregoar antes das 6 nem depois das 22 horas.

Não podiam apregoar jornais, senão empregando o seu nome.

Não podiam importunar, instando ou perseguindo os transeuntes.

Os padeiros que vendiam com certa liberdade e sem cuidados, entraram um pouco na ordem sobre higiene, a 18 de Fevereiro de 1910, data duma Postura Camarária, e actualmente mais ainda, com a nova legislação em vigor.

Os leiteiros, que noutro tempo só tinham o cuidado de trazer as bilhas e as medidas limpas e sem ferrugem, têm agora nova legislação, que, como aos vendedores de queijos e manteiga, dá bastante que pensar.

Não se podem vender, como então, líquidos acidulados, usando medidas de estanho, ferro, barro vidrado, cobre e zinco.

Os gelados, que outrora se vendiam com a higiene, asseio e côr, que cada um lhe queria dar, conforme a tinta que mais lhe agradava, são agora vendidos sob a fiscalização das repartições de higiene e Câmara Municipal.

E a muitas mais coisas estavam e estão sujeitos os vendedores ambulantes, mas vamos à publicação das posturas de 1921, que vieram fazer uma revolução na respectiva classe.

A vereação camarária de então, fêz publicar em 1 de Julho de 1921, entre outras posturas, duas, que eram designadas pelos números 3 e 4, pelas quais, os «ambulantes», comércio e indústria, passaram a pagar à Câmara Municipal, uma contribuição.

Isto foi como se diz em «gíria», o fim do mundo, e diziam os futuros contribuintes:

— Então nós nunca pagámos licença e vamos agora pagar?

— Não pode ser... Não há direito... Isso também eu queria... (andavam muito em voga nesse tempo, êstes últimos ditos populares).

Houve reclamações, comissões, reuniões, apresentações, e como se estava em maré de revoluções, só por milagre não se fêz mais uma... mas a verdade é que foram pagando as contribuições, o que ainda hoje se mantém.

No entanto, como quasi sempre succede, quando se publica qualquer legislação, procura-se maneira de dar a esta, outro sentido, e assim succedeu com as posturas de 1921, pois muitas pessoas gradas, com interêsses no assunto, reclamaram contra tais impostos, alegando coisas várias, e daí resultou a Portaria n.º 4.887 de 6 de Maio de 1927, que esclareceu o que é um vendedor ambulante, e fê-lo nos seguintes termos:

«É considerado vendedor ambulante, o indivíduo que por conta própria ou

alheia, vende pelos lugares do seu trânsito os objectos do comércio que exerce, a quem aparece a comprá-los, e não um indivíduo que, por conta própria ou alheia, distribui os objectos do seu comércio por clientes certos e determinados, conforme instruções recebidas do respectivo estabelecimento comercial.

E a polícia, que antes de 1921, quasi não tinha trabalho com os «ambulantes», passou a ter com estes, muito que fazer.

Entretanto, (o que já vinha de longe), as peixeiras e vendedores de fruta, especialmente, abandonaram a cidade alta ou afastada da Baixa, e passaram a vender aqui.

Como é de calcular, sucediam-se as reclamações. Era do comércio, era das pessoas que se sentiam insultadas e molestadas, pelos vendedores, eram os jornais, etc.

A polícia começa a proceder, e os vendedores ambulantes, que, quando querem, sabem dizer coisas muito bonitas, reclamam junto dos jornais, e agora estes dizem aquela frase muito popular: Não há direito. E a polícia, ontem desejada já hoje é aborrecida. E é nesta altura que me lembra um dos ditos de minha mãe: «Preso por ter cão e preso por não ter...»

E das reclamações duns e doutros, resulta muitas vezes, opiniões a favor e contra o serviço da polícia, e esta ficava entre a «cruz e a caldeirinha».

A propósito vou citar alguns exemplos:

No «Diário de Lisboa», de 22 de Outubro de 1941, diz-se que as peixeiras, são na sua maioria da região de Ovar, (já aqui a notícia começa mal, porque não era assim, mesmo em 1941). Diz-se depois, que a polícia lhe está a fazer uma grande caça, (como se a polícia precisasse de fazer caça às peixeiras ou a alguém), e outras coisas mais diz essa notícia, depois de muitas vezes, os jornais as tratarem com pouca amabilidade, devido às suas atitudes e abusos.

No «Diário de Lisboa», de 20 de Fevereiro de 1942, entre outras moralidades, faz-se esta pergunta: «Para que tantos vendedores ambulantes?» (como se verifica, a opinião já é diferente da anterior).

E no mesmo jornal, a 8 de Setembro do mesmo ano, falando de vendedores ambulantes, diz: «Se esses vendedores ambulantes acabassem, a população não poderia saborear uma deliciosa pêra ou um saboroso pêssego, dado o preço de ouro, que esses pomos atingem nos grandes estabelecimentos.

Só estas palavras davam um bom estudo, mas não é esse o sentido desta palestra.

Arrumado este caso, em que a polícia, muitas vezes, não sabe como há-de fazer para melhor cumprir e agradar, vou referir-me às classes em que se dividem os vendedores ambulantes.



A classe de mais valor, era noutro tempo, a dos profissionais, da qual faziam parte: vendedores, que numa giga traziam vários cestos pequenos, com boa

fruta, e na outra, boa hortaliça, isto é, tudo o que traziam, era bom, pelo que, vendiam mais caro.

Estavam também nessa classe, os que em carroça, vendiam nas mesmas condições. Vendiam só em casas ricas, (mesmo que os pobres não lhe podiam chegar) e os bairros que preferiam, eram por exemplo: Bairro Andrade, Bairro Linhares, Avenidas, Chiado, Lapa, Estrêla, e outros semelhantes.

Também faziam parte dessa classe, os padeiros, os leiteiros, (homens e mulheres) que também vendiam queijos frescos e requeijões, os azeiteiros e outros vendedores, que durante todo o ano e com vocação própria, exerciam a sua profissão, tendo uma volta certa, o que na «gíria» dos vendedores, quer dizer; percorrer todos os dias, às mesmas horas, as mesmas ruas, quer chova, quer faça sol, quer o vendedor esteja doente ou tenha saúde, quer seja dia de semana, domingo, dia santo ou feriado. Este é o verdadeiro vendedor ambulante.

Outra classe, era composta pelos vendedores de hortaliça ou fruta, mas que, carregavam uma ou outra coisa, e embora tivessem volta certa, não tinham brio profissional, como os primeiros.

Outra classe, era composta por vendedores do mesmo género dos anteriores, mas que procuravam sempre, o que de pior havia no mercado, para vender mais barato, os quais eram conhecidos na «gíria» dos vendedores, por «pingonheiros». Tinham menos brio que os segundos, e se em certo dia não lhes apetecia ir à venda, ficavam a jogar a «bisca», na taberna mais próxima de casa, ou iam para as «provas», o que em «gíria» quer dizer: embriagarem-se.

Outra classe ainda, era a dos rapazes dos limões e agriões, que também vendiam pomada «Amor», e nos últimos anos, também vendiam palitos e alhos.

Ainda outra classe, era a dos vendedores de vidros e quinquilharias, mas esta dividia-se em duas partes, os profissionais e os de ocasião. Os primeiros, apregoavam várias coisas do que vendiam; os segundos, vendiam uma ou duas coisas de qualquer das indicadas, mas em cujo pregão, indicavam sempre o preço.

Mais uma classe, a constituída por amoladores de tesouras e navalhas, e conserta chapéus de sol, cuja indústria era e é, exclusiva de galegos.

E ainda mais uma, a dos rendeiros (espanhóis de origem) que também se dividia em duas partes. A primeira composta por vendedores de bordados, rendas, mantilhas, «écharpes», sedas, etc., que eram transportadas em fardo, a dôrso, e a segunda, composta por vendedores, (homens ou rapazes) portugueses que apenas vendiam, uma ou duas qualidades de rendas ou fitas, que traziam estendidas em um dos braços, apregoando o preço de cada metro, acompanhando sempre o pregão, da frase: «é p'rácarab», ou «é mais barato que na «loje».

E ainda outra, a composta pelos vendedores de carnes, miudezas de vaca e vitela (sendo êstes de origem galega), e os que vendiam carne de porco, que eram portugueses. Os primeiros, em nada se pareciam com os segundos.

Aquêles, eram bons trabalhadores, honestos e briosos, e muito dedicados à sua profissão. Êstes, nem trabalhadores, nem briosos, e tanto vendiam carne, como freqüentavam a taberna ou a cadeia.

Havia ainda a classe dos que vendiam só brinquedos, — os pobres brinquedos que se vendiam a 5 e a 10 réis, cujos brinquedos eram tão pobres, como os seus vendedores.

E ainda outra, a dos vendedores de sinas, entre os quais recorde o simpático «Velho Portugal», os quais vendiam, além de sinas, almanaques, pequenas histórias e venderiam também a sua miséria, se lha comprassem.

Outra ainda, a dos vendedores de bolos, que se dividiam também em dois grupos: um composto por homens e mulheres, que vendiam bolos especiais, de várias regiões, já consagradas na especialidade, e o outro, composto por vendedores de bolos, fabricados nas antigas fábricas do bairro da Mouraria, cujo valor e asseio, compunham com o preço.

Depois ainda, a classe dos castanheiros, dedicando-se os homens, à venda de castanhas assadas, e as mulheres à sua venda, mas cozidas.

E a das marisqueiras, como agora se diria, que vendiam: camarões, caranguejos, santolas e burriés cozidos.

E também os que vendiam capilés, limonadas e água fresca, que, pelo comércio que exerciam, se assemelhavam aos vendedores de sorvetes.

E antes de falar em alguns vendedores isolados, refiro-me a três classes, talvez as mais pobres, constituídas pelos vendedores de pevides, amendoins, alfarobas, favas torradas, enfiadas de pinhões, cestinhos de figos, etc., pelos vendedores de papel para escrever e mapas para aprender a bordar, e ainda os que vendem: sinas, almanaques e pequenas histórias.

Dos isolados, recorde o espanhol que vendia óculos e lunetas; o homem dos abat-jours, cuja tradição não se apaga; o homem que vendia pinhão novo; o que vendia garrafinhas de licor; o engraxador, que não teve outro que o igualasse, pela sua correção e aprumo e de que adiante falarei.

Ora de todas estas classes, vou referir-me à primeira, pelas suas qualidades de trabalho, honradez e brio profissional.

Era tão certa a hora de passarem diariamente nas ruas que percorriam, que muita gente, acertava por eles os seus relógios.

Carregavam de tal maneira, que durante as primeiras horas da venda, tinham que ser auxiliados por duas pessoas, para levarem as gigas aos ombros, e então, o pau ou vara a que se ligavam, dobrava a tal ponto, que estas desciam a um plano muito próximo dos quadris.

Com as mulheres, sucedia que, auxiliadas por duas pessoas para levarem a giga à cabeça, era vulgar verem-se com esta, como que enterrada nos ombros e com o tronco dobrado, como se fôsem corcundas.

Uns e outros, andavam nesta vida todo o ano, mas em anos alternados ou mesmo todos, iam às suas terras, onde de vez em quando compravam umas propriedades, que na sua «gíria», têm o nome de «casitas» ou «fazendas». Durante o tempo que por lá estavam, não descansavam, como seria natural, antes traba-

lhavam tanto como se cá estivessem, não com as gigas, mas com a ferramenta própria para os trabalhos agrícolas. Um ou dois meses passados, e ei-los de volta para a vida que tiveram seus pais e seus avós.

Pela sua conduta, lealdade e outras boas qualidades (homens e mulheres), eram tratados pelos fregueses ou freguesas, quasi como se fizessem parte da sua família, havendo de parte a parte, carinho e afeição mútua. Havia muitas vezes confidências e lágrimas, falando-se de mútuos desgostos e de mútuos segredos. A freguesa não lhe repugnava ser madrinha dum filho do sr. Manuel ou da sr.^a Maria, e até algumas daquelas, foram madrinhas de casamentos destes.

Quando o vendedor ia gozar as suas férias e não deixava substituto, a freguesa, embora passasse a comparar a outro, não desprezava o primeiro, e assim se verifica a consideração que havia por aquêlo ou aquela, para o que concorriam, é claro, as boas qualidades destes.

Sobre o esforço que os vendedores faziam, debaixo dos grandes carregos, nunca me constou que algum deles adoecesse por esse facto, e ainda hoje se encontram alguns nas suas terras, (muito velhinhos) gozando, como é natural, o produto do seu trabalho honesto de algumas dezenas de anos.

Falando do brio desta classe de vendedores, direi que apresentavam os seus estabelecimentos, luxuosos a seu modo, ora forrando os cestos e as gigas da fruta, com jornais ou papel branco (sendo este agora exigido, pela Postura Municipal de 11 de Abril de 1935) ou ainda com parras, o que dava às gigas um lindo aspecto. Em dias de Domingo, Natal, Páscoa e Carnaval, às vezes, até flores se viam nas gigas, etc., e nos alguidares das azeitonas, cujo zinco brilhava como prata, não faltava o louro, a neveda e o oregão; mas se no alguidar se viam rodas de limão, essa vendedeira não era considerada profissional, pois esta, não colocava no seu alguidar, rodas de limão. Nestes e noutros casos, há uns pequenos nada, que muita gente não nota, mas que, como o que acabo de apresentar, são interessantes.

Falando ainda da simpatia que toda a gente tinha por esta classe de vendedores, vou citar mais um facto, que era muito vulgar observar-se.

Quando um ou outro vendedor ou vendedeira, se aproximava de qualquer local, ouvia-se muitas vezes dizer, de qualquer casa, estabelecimento, oficina ou obra de construção, palavras que infundiam alegria ou boa disposição:

— Vem aí a Russa, — designando os cabelos louros de qualquer vendedeira.

— Vem aí a morena...

— Aí vem a dos olhos bonitos...

— Já aí está a tia Rosa...

— O tio João vem à tabela... etc., etc.

Outra qualidade se lhe notava ainda:

É que, ao contrário do que sucedia com outros de qualidade diferente, davam a mercadoria ao freguês, sempre com conta, pêso e medida certos, o que era um grande elemento...

Os vendedores desta classe, na sua maioria, constituíam família, e man-

davam educar os filhos, o bastante, para marcarem a sua passagem pela terra, e conheço alguns filhos de vendedores ambulantes, que fazem boa figura.

Eram da melhor escolha, os vendedores ambulantes desta classe, que actualmente está quasi desaparecida.

Referindo-me aos padeiros, que também faziam parte desta classe, verificava-se actualmente uma grande modificação; outrora, eram briosos no trabalho, na maneira como vestiam, nos sentimentos e na maneira como constituíam os seus lares.

Como isto vai longe...

Carregavam com grandes cabazes, mas que cabazes!... Aquilo não era para ser carregado por gente! Que grandes carregos!

Correndo com aquêl grande pêso, logo ao romper da manhã, davam a sua volta, servindo as freguesas sempre à mesma hora. Terminada a venda da manhã, preparavam o almôço na padaria, em cujo fôrno era cozinhado, dormiam uma pequena sesta e ei-los preparados para a venda da tarde. É que o pão da manhã, à tarde já estava duro, e não se podia comer. Havia de ser hoje... como há pouco dizia numa revista, no teatro Apolo, o actor Armando Machado.

E como êles se apresentavam aos domingos ou dias de festa!

Camisa de riscado, duns padrões muito a seu gôsto, calça branca, cinta de côr, bota dum amarelo muito claro ou sandálias de cabedal branco (bezêrro se chamava), e a sua corrente de ouro. Na cabeça uma boina ou boné, ou um barrete verde, de broado a vermelho, o que no Carnaval, constituía para êles, como que uma obrigação, pois o usavam sempre nessa época.

Os leiteiros e leiteiras, como já disse, também faziam parte desta classe, e os seus hábitos assemelhavam-se muito aos dos últimos.

Era no luxo com que apresentavam as bilhas e as medidas; era na limpeza dos seus tabuleiros dos queijos; era no vestir, aos domingos, dias santos e mesmo aos dias de semana; e era, por último, nas qualidades de trabalho.

Elas, sempre muito limpas, com as suas roupas de côres garridas, calçando chinela ou descalças, com os pés muito branquinhos, davam sempre uma nota alegre e simpática, quando passavam entoando os seus lindos pregões.

Que lindas raparigas! Que lindos olhos! E que lindos cabelos!...

Acreditem V. Ex.ª, eram tôdas lindas...

Quando iam passar as férias, às suas terras, era sempre assim:

Eles, por exemplo:

Fazia quasi sempre parte da bagagem, uma mala, alguns sacos, uma guitarra ou um harmónio.

Iam sempre correndo para a estação, possivelmente por terem adquirido o hábito durante o desempenho das suas funções...

Em regra, os que iam, levavam os pequenos volumes, e os volumes pesados, eram conduzidos pelos que ficavam, que assim pagavam muitas vezes ao seu patrício a maçada que êste tinha de levar umas encomendas para os pais ou irmãos daqueles.

Depois dos abraços de despedida, partia o combóio, que já em andamento, ainda levava algumas saúdades que tinham esquecido, e logo a «banza», ou o harmónio, começava a animar a carruagem com os seus acordes, ao mesmo tempo que daquelas gargantas, se ouviam umas cantigas, que se repetiam lá, nos arraiais, ou numa festa de casamento, para a qual o visitante fôra convidado.

Com elas dava-se caso semelhante: bagagem, composta também de malas, que não querendo mentir, parece-me que eram sempre novas; sacos e outros volumes; mas não fazia parte, é claro, a guitarra ou o harmónio, cujo transporte era feito, a caminho da estação, nas mesmas condições e motivos, dos anteriores.

Na estação, não havia abraços, havia beijos, e quando o combóio entrava no túnel, começava a festa, a que não era estranho o harmónio, a guitarra ou os ferrinhos, coisas que eram do «Manél», que também embarcava e ia para a mesma terra ou próximo.

E lá iam dar alegria aos pais, e fazer inveja às amigas, que ao vê-las, assim tão bonitas, tão ouradas, logo se dispunham a vir com elas, e algumas vinham mesmo, e aqui, tanto podiam ser felizes, como não.

É que, como sucede em todos os casos, uns vendedores são mais felizes do que outros, e a propósito vou descrever como alguns vivem dentro e fora da sua vida comercial.

Há vendedores ambulantes, como já disse, que têm o seu lar constituído e a sua família. Educam os filhos e fazem dêstes, homens para o futuro.

Há outros, com lar e família constituída, mas enquanto que noutros lares, há ordem, respeito e disciplina, nestes há falta de tudo isto e fartura de vinho, jôgo, miséria moral, etc.

Outros têm a sua casa (boa casa, às vezes), e têm família, mas nas suas terras, de onde nunca saíu a mulher ou os filhos, que lá nascem e lá morrem.

O chefe cá vem ganhar a vida e cá vive numa casa de malta ou coisa semelhante.

Vai mandando dinheiro, muito dinheiro, que, quando já velhos, aproveitam para descansar o resto dos seus dias.

Mas também os há que nunca mandam dinheiro, porque nunca conseguiram ganhá-lo, de maneira a poder fazê-lo, ou se bem o ganham, bem o gastam cá.

Há ainda os que, não têm lar nem família, nem quási que vestir, nem nada. Comem nas tabernas, dormem em albergues próprios ou hospedarias, e como mobília, têm uma pequena caixa de madeira, um pequeno embrulho ou saco, ou só o que trazem vestido.

Fazem parte dêste número, os vendedores de sinas, de almanaques «Borda d'Água» e pequenas histórias; alguns cauteleiros e vendedores de jornais.

Entre as muitas maneiras de viver, dos vendedores das ruas, vou citar a V. Ex.^{aa}, como vivem alguns vendedores de jornais.

Alguns têm casa, onde têm pai e mãe, respeito mútuo e disciplina.

Seja perto ou longe, a residência, o filho não falta em casa, ainda que para isso, tenha que fazer zangar os polícias, pendurando-se nos carros eléctricos.

É que, se faltam em casa ou lá chegam fora de horas, espera-os uma chibata, correia ou corda entrançada.

Outros, embora tenham casa, fica muito longe, e nada lá há que os atraia. Tudo é muito pobre e de mau aspecto. O pai embriaga-se, amiudadas vezes, e por êstes e outros motivos, muitas vezes, os pequenos «ardinas», ficam em qualquer albergue próprio, escada ou portal.

Madrugada ainda, uns burrifos de água na cara, uma ponta da camisa ou do casaco, servindo de toalha, um café barato, e ei-los a caminho de mais um dia de vida.

De dia, alimentam-se de qualquer maneira, e mais uma volta e qualquer entretenimento, chegam as horas da venda da tarde, e pela noite, procuram a cama anterior.

Esquecem assim a família; e aos pais, não lhes dá cuidado que o filho não apareça, e não o procuram.

Outros trabalham por conta dos patrões, e então pior ainda, pois muitas vezes levam vida mais desordenada.

E dos pequenos «ardinas», há muitos que se salvam, fazendo-se bons cidadãos, mas outros perdem-se.

Há ainda uns vendedores, que vivem em casas de malta, e entre êstes, contam-se alguns, de hortaliça, de mexilhão, ostras e de fruta.



Também noutro tempo, havia por parte dos vendedores, preferência por certos bairros, para residirem, mas presentemente esta inclinação, está quási esquecida ou posta de parte. Assim:

As varinas que vendiam leite e queijos, moravam para os lados de Arroios ou Esperança.

As peixeiras (varinas) moravam e moram para os lados da Esperança e Lapa.

As peixeiras (não varinas) moravam e moram para os sítios do Alto do Pina, Mouraria, Arieiro, Campo Grande e até próximo de Sacavém.

Os rapazes que vendiam carqueja, moravam para a Fonte Santa e Casal Ventoso.

Por sítios do Alto do Pina, Casal Ventoso e Fonte Santa, moravam os homens que vendiam carne de porco, e também por lá moram ainda, aquêles que vendem diversos géneros, empregando burros.

Os homens ou mulheres que vendem fruta na Baixa, moram quási todos, nos bairros da Mouraria e Castelo.

Aquêles que nas noites dos Santos populares, em Junho, vendem na Praça da Figueira, também moram, na sua maioria, para os lados da Mouraria, Castelo e Bairro Alto.

Vivem para os lados de Arranhó e arredores, os que, em grandes carroças, vêm à cidade, vender pêros e maçãs, a que também chamam canoeses.

Para os sítios de Almargem do Bispo e lugares próximos, vivem os que aqui vendem, em carroças ou cavalos com ceirões, molhos de nabos e nabijas.

Para as bandas de Alcochete, vivem os que vendem alecrim, louro e outras ervas.

Claro que, além destes bairros e lugares, há outros sítios onde eles habitam.



Ainda falando de vendedores felizes e infelizes, citarei alguns factos dignos de atenção.

Já falei de alguns profissionais, que aqui ganharam muito dinheiro, e aqui ou nas suas terras, o empregaram, em casitas ou fazendas, como dizem na sua «gíria», ou em muito ouro que daqui levavam, e os que ali compraram propriedades, estão hoje, muito velhinhos, a viver delas.

Estes eram os vendedores de hortaliça, padeiros, leiteiros, azeiteiros, etc.

Nessa época, que já lá vai há muitos anos, ganharam, como já disse, muito dinheiro, mas em época recente ou actualmente, pouco mais ganham do que o necessário para viver (quando lhes chega), e isto porque pagam contribuições que noutro tempo não pagavam, pelo aumento do número de mercados, que noutro tempo eram apenas: Praça da Figueira, Belém, Alcântara e também pelo aumento de número de lugares de venda de hortaliça e maior número de estabelecimentos, prejudicando tudo isto, os vendedores. Estas e outras modalidades e evoluções, tiraram-nos o prazer de ouvir os lindos pregões de Lisboa.

Há também outros, que nunca progridem, chegando a apresentar-se andrajosos, nunca lhes chegando as reservas, para se fornecerem convenientemente, saindo para a venda sem quasi terem que vender, e deste número fazem parte, os vendedores de folhinhas, sinas, almanaques, livros e pequenas histórias.

A venda ambulante é para muitas pessoas, com que, uma «tábua de salvação», pois são forçadas pelas circunstâncias, a venderem qualquer coisa nas ruas, para poderem viver, e assim, vêem-se na venda ambulante, alguns até, cheios de vergonha, oferecendo pelas portas das residências; antigos empregados do comércio, empregados de escritório, artistas de várias artes e officios, etc., pois a necessidade não admite caprichos.

Ainda recentemente (quem diria) alguns individuos que ainda há poucos meses ou anos, animaram platéias, fazendo recordar os velhos tempos das touzadas, dos fadistas e dos marialvas, comoveram muitas senhoras, etc., cantando o fado, ao som da lira sonora... vêem-se nas ruas a vender gravatas, e até um actor muito conhecido, que tantas vezes pisou o palco do velho Trindade, onde teve tantas noites felizes, se vê pelas ruas e estabelecimentos, a vender perfumarias ou a sua fotografia, como que a dizer ao comprador: Vê o que eu fui e o que eu sou!

Enfim... «C'est la vie», dizem os franceses.

(Conclui no próximo número)

Como se escreviam críticas há 82 anos

por HENRIQUE MARQUES JÚNIOR

No número 24 dêste trimestrário, correspondente a Outubro de 1943, principiei a transcrição de algumas críticas que há oitenta e dois anos se publicaram na *Miscelanea historica*, cuja vida descrevi.

Hoje continuo e findo tais transcrições que se me afiguram interessantes, pois retratam uma época da vida portuguesa dessa data e que abrangem apenas os números 2, 3, 4, 5, 6 e 7. O 6.º traz apenas *Correcções precisas*.

No número 2 do citado periódico, sob a rubrica *Espectaculos publicos* e que era datado de Dezembro de 1861, inseriu o seguinte:

«O publico sempre propenso á novidade concorre aos circos *Price e Cinniselli* admirando (á sua custa) os milagrosos *trabalhos de Costas*, e os galantissimos volteios das que *trabalham de graça!* (caso raro no sexo amavel!).

Os theatros da capital soffrem um marasmo espantoso! Nem a maviosa cantora *Laborde*, nem a Restori portuguesa com a sua *Medea*, podem evitar-lhe o desastre financeiro.

Os theatros de segunda ordem conservam-se pelo beneficio dos seus amigos!»

Antes de continuar a transcrição de outras críticas, devo dizer que a Restori (aliás Ristori) portuguesa era Emilia das Neves, a grande actriz que Garrett descobriu e que foi uma glória no nosso Teatro.

No número 3 — de Janeiro de 1862 — sob a mesma epígrafe — *Espectaculos publicos* — apresenta as seguintes crónicas:

Theatro de S. Carlos. — Continua com operas já vistas, tencionando apresentar uma composição do professor Noronha, *A Beatriz de Portugal*.

Theatro de D. Maria II. — Tem variado de espectaculos mas com diminuta concorrência; as victimas da antiga inquisição continuam a afugentar os espectadores.

Gymnasio. — Apresentou uma coisa com idéia de revista de 1861; mesquinha de idéa, pobrissima de espectáculo e finaes improprios e sérios de mais para um theatro. Desejamos-lhe mais fortuna com — *as Fadas dos enganos!*

Rua dos Condes. — Continua com os saltos de *Corsa*, entremeiados de *Restauração*, e outras pequenas peças do seu repertorio popular.

Variedades. — Firma-se na *Loteria do Diabo*, com intermedios e episodios;

em quanto se não apresenta a grande magica — *Ave do Paraizo*, a quem desejamos gosar neste mundo.

Os circos Price e Cenniseli. — Guerream qual dos dois apresentam melhores damas e melhores cavalos.

Além deste *civilizador* espectáculo, existe o folguedo dos *bailes de mascaras*, aonde se diverte a gente de duas caras!»

No número 4 — de Fevereiro — sob o mesmo título — insere o que segue:

«Theatro de S. Carlos, depois de ter lutado com bastantes difficuldades, pôz em scena a bella opera — *O Baile de Mascaras*, que foi mui bem recebida pelo optimo desempenho dos cantores, e magistralmente ensaiada pelo eximio artista Mr. Cossoul.

No dia 24 debutou o tenor *Tagliasuchi* na opera *Rigoletto* que não obstante ser um muito sofrivel tenor, tem a lutar com a presença de *Fraschini* e dos seus amigos.

Theatro de D. Maria II. — Tem dado diversos espectaculos sem coisa notavel.

Dito *Gymnasio.* — O mesmo do seu inextinguivel repertorio.

Dito *Rua dos Condes.* — Apresentou a magica — *A Serpente dos mares* da qual só poderá colher as escamas; não obstante a diligencia das Serpentes.

Dito *Variedades.* — Continua no desempenho do titulo; deixando de apresentar a magica de grande espectáculo, *A ave do Paraizo*, porque o paraíso que esperavam colher só poderá ter logar para os dias da serração da velha, por causa dos muitos ensaios para o desenvolvimento das maquinas.

Circo Price, também debutou ao estilo de D. José Serratte, apresentando aos *carvoeiros da Boa-Vista* um grande quadro (*a oleo*) no domingo 24 pelas praças publicas; continua a atrair grande concorrência, e igualmente no *Circo Cinniselli* que para flagello dos Theatros de Lisboa vieram a esta cidade.

O capricho da moda fez distrahir até, a maior parte das familias aristocraticas do Theatro de S. Carlos, para caminharem a galope ao Circo... ao Circo... ao Circo! deixando reduzidas á mingoa mais de duzentas familias que vivem dos Theatros.

O *Carnaval* vai este anno bem mascarado.

O *Caffé* a *Floresta*, e *Price* desafiam ao can-can.

O *Alegria* sedusiu Mr. Cenniselli a uma parodia de touros de papelão, para não escurecer a fama dos bichos que hade apresentar a seu tempo.

E não tarda em S. Carlos a fazer côro com as mascaradas; isto, alem das danças populares, aonde já trabalham escudos e lanças, espadas e massas para as pyricas do estilo.

Os dominós e os diversos figurinos apresentam-se nas janellas á exposição; os allugadores são como mosquitos; e o nosso *Cruz do Gymnasio* tem a primasia na variedade e na riqueza do seu estabelecimento.»

No número 5 — de Março:

«Tendo finalizado na presente quaresma a época theatral, não deixará de ser conveniente (para constar) registrar as principaes operas e dramas mais notaveis, que apresentaram neste referido anno os diversos theatros de Lisboa.

Theatro de S. Carlos. — Debutou com As Vesperas Sicilianas, e seguiu-se alternadamente, Sonnambula, Trovador, Traviata, Barbeiro, D. Pascoal, Bocca-negra, Rigoletto, A filha do regimento, Luzia, Ernani, Baile de mascaras, e Nabuco. Foi esta e a do Baile de mascaras as que mereceram mais acceitação; sendo cantadas as operas pelas senhoras Bendazzi, Laborde, Barini, Uberti e Calderon, e pelos srs. Fraschini, Guicciardi, Belas Costa, Baraglia e Tagliasuchi; destes, mereceram toda a sympathia dos espectadores, os srs. Fraschini e Guicciardi; assim como as senhoras Bendazzi, Calderon, e a senhora Laborde na opera do Barbeiro.

N. B. Despediu-se para sempre desta terra que já chamava sua, o veterano das emprezas de S. Carlos, A. Bruni, tão afamado cantor como curioso de agricultura.

Theatro de D. Maria II. — As peças que apresentou foram a maior parte do seu repertorio, exceptuando a da abertura que foi o drama Abnegação; seguiram-se Joanna a douda, Medea, a Mulher que deita cartas, O prestigiador, Luiza Morion, as duas nobrezas, o Retracto vivo, e ultimamente o Pagem da duqueza. Foi esta engraçada comedia no beneficio da senhora Emilia Letroublon que desempenhou com aquelle espirito proprio de uma costureira franceza, bem como na parte de alferes; que tanto em um como em outro papel roubava as attentões dos espectadores de ambos os sexos! A senhora Maria Gertrudes era uma perfeita duqueza napolitana, vestia sympathicamente, e com taes ademanes e requestos que bem merecia ter maior numero de pagens ás suas ordens!

O nosso amigo Santos na parte de Tancredo, carterisou (*sic*) um perfeito Buffoni; mostrando assim o quanto pode a propensão para a arte que adoptou. Dos senhores Tasso e Theodorico nada diremos, porque nesta peça nada tem que possam desenvolver o grande merito ha muito adquirido.

N. B. Cumpro chamar á lembrança dos criticos, as censuras que se faziam á antiga comedia — *O serralheiro hollandez* — na qual só o mestre da serralharia fallava em estylo macarronico, e os mais em portuguez, sendo todos hollandezes!

Agora dá-se um igual caso na do Pagem da duqueza não obstante o rigor das censuras da actualidade! Ainda fallaremos a respeito do theatro antigo, e dos analysadores que fallam do que nunca viram!

Alteram mil questões; prompts contendem
Prompts decidem no que nada entendem.

(Nic. Tolentino)

Theatro do Gymnasio. — Continuou com o seu inextinguivel repertorio, variando o mais possivel para attrair espectadores: apresentou pelo carnaval algu-

mas peças jocosas, entre ellas, a dos Lanceiros que muito agradou, e igualmente a scena comica *Por um triz*, em que o nosso inimitavel Taborda e o sr. Isidoro jogaram de scena com bastante naturalidade: tambem foi á scena uma especie de revista *A Fada dos enganos* (que em nada nos enganou!) e pela quaresma, o drama sacro, *Santa Iria*, composto pelo sr. Vasconcellos.

A vida desta virtuosa portugueza e martyr Santa Iria que o author esboçou da vida da mesma santa, tem merecimento quanto á união com a historia; porém está muito longe de ser um espectáculo attrahente; o que bem se tem demonstrado pela deminuta concorrência.

É mui falta de apparatus scenico, e sem aquellas visualidades que tanto recreiam a vista dos espectadores. O anjo bom assim como o anjo mau, caminham sempre a pé, e destituídos de graça; os tres actos (que já são de mais) fecham sem espectáculo! apenas conclue o drama sacro com uma nuvem em que o anjo bom vem receber d'entre as agoas do Tejo o corpo de Santa Iria, e o leva aos ares cercada de nuvens (do mesmo genero da primeira!).

Os que assistem a esta producção dramatica podem observar o contraste que se dá entre *dois diabolos!* combinando a placidez deste com a violencia de espirito e de força com que se apresenta o *diabo* da rua dos Condes!

Ainda mais outra. O character de um verdadeiro sacerdote que edifica e suavisa as attribuições de espirito causadas pelas tentações do demonio, cujo sacerdote n'um interessante dialogo chega a catechisar a um infiel tornando-o christão, mostra-se na oratoria do milagre da N. S. da Nazareth; ao passo que na de Santa Iria carterisa (*sic*) os individuos das ordens religiosas no maior grau de avareza, sedução, corrupção, embriaguez, e com muitos outros sarcasmos proprios da época!

Ainda bem! O publico concorre aonde mais se encontra a moral, misturada com os episodios honestos e no mais completo de quadros maravilhosos e de melhor effeito scenico.

Isto é o que convém ás producções sacras que se apresentam nesta parte do anno, e no que as empresas theatraes se devem esmerar para seu proveito.

Theatro da Rua dos Condes. — Entreteve aquelle insofrido auditorio com alguma variedade de pequenas peças, e a magica da *Serpente dos mares* que não merece as honras de biz!

Variou com a *Corsa branca*, coisa de mui pouco merito; vazia de acção e de graça. No dia proprio foi á scena o drama — *1.º de Dezembro* — que bastante gente attraiu ao theatro; e não podia ser o contrario, visto que se tracta do brio e patriotismo de uma nação escravizada por uma invasão de estrangeiros.

Foram estas as acções de nacionalidade que na época da guerra peninsular se apresentavam em scena; das quaes os espectadores sahiam satisfeitos e animados a soffrer os prejuizos de uma guerra invasora de francezes.

Pela quaresma representou-se o drama — *O milagre de Nossa Senhora da Nazareth*, escripta pelo sr. Chaves.

Não podia deixar de ser bem recebido um espectáculo que além do bello

apparato e dos interessantes quadros, o author os debuxou com feliz pensamento; não só nos bellos dialogos historicos e poeticos, como no realce que deu á anti-quissima lenda religiosa de uma romaria tão concorrida.

Só quem visita o sitio da Nazareth durante o mez de setembro lhe pode dar valor!

Embora se analyse o fim e de como foi o principio! temos visto pró e contra; e agora mesmo temos á vista um livro que diz assim — Dissertação historica e critica em que claramente se mostram fabulosos os factos com que está enredada a vida de Rodrigo rei dos Godos; que são apocrifas as peregrinações da Imagem milagrosa de N. S. da Nazareth etc. etc. — por Fr. Manoel de Figueiredo. Não nos compete a analyse do facto, só pertence ao noticiarista dar parte dos espectaculos; este é um delles, e muito digno de ser concorrido.

Theatro das Variedades. — Depois da *Loteria do Diabo* variou igualmente com varias coisas, até que á custa de grande despeza apresentou a engraçadissima e vistosa magica, *A ave do paraíso*.

É um grande espectaculo composto de 3 actos com 20 quadros e um prologo, 32 peças de muzica, bailados, bastantes maquinas, riquissimo vestuario e bellissimas vistas; enfim, é um bom fartote de espectaculo.

Foi esta magica composta pelo sr. Oliveira que teve não poucas lembranças felizes, pelos engraçados ditos e chistosa critica em que está envolvida.

É este um espectaculo a que o povo está costumado a ver nesta quadra; n'elle se recreia e diverte, apesar de lhe conhecer o impossivel.

Conheçam os criticos que os seus illustrados discursos não destroem nem evitam que cada um se devirta a seu modo.

A concorrência aos theatros durante estes espectaculos tem sido numerosa e extraordinaria. Felicitamos as empresas pelos esforços que tem feito para atrahir a concorrência, levando debaixo os industriosos saltos de trampolim.

Circo Price. — Tem continuado em apresentar artistas de bastante merito; entre elles a sr.^a *Adams* que trabalha com muita destresa e graça na corda forte; e apesar de termos visto grandes artistas d'este genero, e na mais deffícil qual é o trabalho sobre um arame, é a sr.^a *Adams* uma excelente artista e mui digna de ver-se.

Apresentou-se ali á (*sic*) dias uma scena mimica que elle intitulou *D. Juan* (parodia da antiga comedia *D. João Tenorio o convidado de pedra*), que o publico tão paciente reprovou com merecia.

Mr. Cennizelli despediu-se e foi-se com o seu esquadrão, exclamando — *Cheguei, vi, mas não venci!*

Divertimento Touro-manico — Apareceu o mais valente e afamado capinha *Antonio Sanchez El Tato*, e outros companheiros dos mais insignes das Hespanhas.»

No número 6 — de Abril — insere nas *Correcções precisas* o que se transcreve:

No periodo relativo ao theatro de D. Maria II declara-se o seguinte:

O Pagem da Duqueza foi pela 1.^a vez á scena para debute da sr.^a Gertrudes e não, *Maria Gertrudes* — e que o titulo que apontamos de *A Fada dos Enganos*, para mencionar a *Revista* que foi no Gymnasio, foi substituida por outra que se publicou por annuncios — *O passado, o presente e o futuro*. Emquanto ao juizo que d'ella fizemos, sustentamos, o mesmo parecer.

No ultimo periodo — aonde se lê — *Touro-manico*, leia-se *Tauro-maniaco.*»

No número 7 — de Maio — lê-se:

«ESPECTACULOS PUBLICOS — Tem continuado nos diversos theatros de Lisboa o mais que se possa encontrar dos seus reportorios, afim de convidar para atrahir espectadores.

Theatro de S. Carlos. — Tendo concluído a epoca dos espectaculos lyricos, tem apenas dado alguns concertos muzicaes.

Theatro do Gymnasio. — Negoceia á alta e baixa de fundos, ora no profano, ora nas exposições sacras.

Theatro da Rua dos Condes. — Segue o mesmo gosto; ora com meias dozes de jocosidades, ora com milagres, côrças, e serpentes.

Theatro das Variedades. — Resplandece com a decantada *Ave do Paraizo*; atrahindo continuamente com um milhão de pantheras, os concorrentes; e tantos que tem feito daquellas carunchosas taboas, o reino da prosperidade!

Theatro de D. Maria II. — Foi á scena em 22 do corrente e em beneficio do nosso excellente actor o sr. Tasso, uma nova tradução do sr. Ernesto Biester, um drama em cinco actos — *Cora ou a escravatura*.

É um bello drama adornado com optimas vistas, sobresaheindo aquella em que o vapor *Selma* se acha nas margens do rio Mississipi.

O desempenho foi como se devia esperar de tão bons actores, e as scenas são de um magnifico effeito; os insignes artistas Ramboi (*aliás* Rambois) e Cinati foram chamados e victoriados com geral applauso.

Quem não aparece esquece. Ninguem pense ser isto um novo titulo de peça nova! apenas corre como rifão velho.

Foi este mez á scena a chistosa comedia *O pae da atriz* em beneficio do nosso estimado actor o sr. Sargedas.

Nós conhecedores da chicana teatral já não admiramos ver retirado de scena actores e atrizes de melhor estima; assim como no preferir de novas produções, só por que são novas, a outras que o publico acolheu com satisfação só por serem velhas; e é por isto que applicamos o proverbio pela reaparição do actor e da peça.

Ao talento do poeta author do *pae da atriz* nada faltou para analysar de intrigas de bastidor. As denguices das primas donas, essencialmente as que merecem o favor de empresarios ou de commissarios; o entusiasmo de um poeta dramatico, a penna venal de um escriptor publico que tem (diz elle) na sua mão

a opinião publica, como se trez ou quatro homens podessem dominar a opinião geral; os apertos e torturas a que se vê exposto um empresario (sem subsídio), e até a classica garrafinha de um contraregra do theatro velho.

Pena foi que não reunisse ali outros episodios; os premeditados ramalhetes, as corôas entrelaçadas de lustrinas e longas fitas, que mais parecem bandeiras do Espirito Santo; ou daquellas que se acharam no cyrio da Ameixoeira, quando o façanhudo general francez as aprisionou para presentear a Junot; inculcando isto por um grande feito!

Faltaram tambem os paletós, as archotadas, e o sem numero de bilhetes gratuitos, afim de que nas plateas se promova o entusiasmo, e a que no dia seguinte o periodico favorito lhes tessa (*sic*) o sedico elogio!

Nós nos congratulamos com o sympathico beneficiado, e o felicitamos pela acertada escolha do spectaculo; não desejando que se verifique com elle o já citado rifão.

A *viuva dos estalos*, vulgo Madama de Ternour, começou a divertir a raspasiada, apoquentando os ouvidos da visinhança com as suas bombas; ás quaes se lhe responde *com mil bombas de pragas de recoxete*.

E, pedindo desculpa da maçada que lhes preguei com a leitura destas transcrições — se é que alguém teve a pachorra de as ler — findo hoje a tarefa que me impus.

Algés de Cima

Vivenda Maria Thereza

6-II-943

Relatórios apre- sentados à última Assembléia Geral

efectuada em 22
de Janeiro último

DA JUNTA DIRECTIVA

Ex.^{mas} Consócios

Nos termos dos Estatutos, temos a honra de vos apresentar uma síntese dos principais acontecimentos ocorridos na vida desta instituição, durante o ano que terminou em 31 de Dezembro findo, e o seu estado financeiro na mesma data.

Manteve êste Grupo a escala ascensional já anteriormente verificada, no desenvolvimento das suas actividades, quer promovendo conferências do mais alto interêsse cultural, quer proporcionando à sua grande massa associativa, numerosas visitas de estudo a monumentos e estabelecimentos de vários carâcter, visitas que continuam a distinguir-se por uma avultada concorrência de sócios.

Assim se efectuaram 21 visitas e 15 conferências na sede.

Como de costume, concorreu o Grupo à Feira Anual do Livro, na Avenida da Liberdade, expondo na sua barraca privativa valiosos exemplares da olisipografia, dentre os quais as edições da Câmara Municipal de Lisboa, de que o Grupo é o depositário, as edições próprias, e as de alguns escritores nossos consócios, empreendimento que continua a justificar inteiramente a nossa intervenção na Feira.

Concorremos também no ano transacto à Feira Popular de Lisboa, iniciativa do jornal «O Século» para fins beneficentes, tendo-se procurado dar a essa representação um aspecto tipicamente lisboeta, honrando o prestígio do Grupo, o que na verdade se conseguiu, embora o resultado desta manifestação tivesse acusado números negativos, perante o que todavia se não recuou, quer pelos fins filantrópicos da Feira, quer porque se tratava de dar colaboração a «O Século», jornal que tem sido bastante atencioso para com o Grupo.

Realizou-se na Sede o «Primeiro leilão Olisiponense de livros, manuscritos e plantas topográficas», onde figuraram obras de acentuado valor.

Foi propósito desta realização estimular e desenvolver o gôsto pelas leituras Olisiponenses.

Dentro do mesmo critério, desviou o Grupo a maior soma das suas disponibilidades em dinheiro, para enriquecimento da sua biblioteca, para a qual se dispendeu um valor superior a dez contos, em encadernações e na aquisição de livros, contando-se entre as obras adquiridas a *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, a *Monarquia Lusitana*, o *Teatro de S. Carlos*, as *Cidades e Vilas da Monarquia Portuguesa que têm Brasões de Armas*, *Anais de D. João III*, etc.

A Junta Directiva realizou normalmente as suas reuniões mensais, apreciando simultaneamente com os numerosos assuntos administrativos, problemas de vária ordem respeitantes à cidade de Lisboa, alguns dos quais determinaram as deliberações adequadas.

O prestígio do Grupo continua a robustecer-se notavelmente, havendo que registar-se, por exemplo, os mais lisonjeiros convites para várias cerimónias, quer particulares, quer oficiais, em que sempre nos fizemos representar.

Quanto ao movimento de sócios, também temos a acusar números mais expressivos, como a seguir se descreve:

Em 1 de Janeiro existiam	994
Existem em 31-12-943	1.078

continuando a contar-se entre as inscrições, as de várias emprêsas privadas.

Os serviços de secretaria, deve assinalar-se que foram prestados nas mais satisfatórias condições, não devendo deixar de se distinguir o Chefe da mesma pela sua dedicação e interêsse.

Deploramos vivamente ter de inscrever neste Relatório a notícia da prematura perda do Vogal da Junta Directiva, Ex.^{mo} Sr. Álvaro Pereira de Lacerda — espírito culto, de sábio conselho e sempre solícito colaborador em tôdas as emergências, qualidades a que aliava o mais distinto trato pessoal.

Por último temos a assinalar que depois de se ter provido a tôdas as despesas correntes, incluindo a edição do *Olisipo* para distribuição gratuita aos sócios, e de se ter enriquecido o nosso património, foi possível apurar como resultado do exercício um saldo de 10.572\$75, o que se deve à diligente administração do nosso Ex.^{mo} Secretário Geral.

Expôsto tudo quanto importava consignar neste Relatório, temos a honra de propor o seguinte:

- 1.º — Que vos manifesteis sôbre êste Relatório.
- 2.º — Que vos associeis a um voto de pesar pela perda do Ex.^{mo} Sr. Álvaro Pereira de Lacerda e dos sete sócios falecidos durante o ano.
- 3.º — Que aproveis um voto de reconhecimento à distinta Comissão de Contas pela sua atenciosa colaboração.

4.º — Que se agradecesse à Imprensa de Lisboa a larga publicidade que sempre tem dispensado à acção cultural do Grupo.

5.º — Que o saldo do exercício, no valor de 10.572\$75, mais o do ano de 1942, seja aplicado na amortização das seguintes contas:

Móveis e Utensílios	4.891\$75
Biblioteca	16.003\$40

passando para o ano de 1944 o saldo de 430\$63.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1944.

A Bem de Lisboa
O Director-Tesoureiro
(a) *Hugo Raposo*

DA COMISSÃO DE CONTAS

Na mesma ocasião foi apresentado pela Comissão de Contas composta pelos srs. dr. Joaquim Fontes, Henrique Marques Júnior e Teodoro Lopes Ramos (relator) o respectivo relatório que depois de se referir à actividade do Grupo durante o ano de 1943 propôs e foi aprovado:

- Que se lançasse na acta um voto de profundo pesar pelo falecimento do saudável Director sr. Alvaro Pereira de Lacerda;
- Que se aprovasse o Relatório e Contas apresentados pela Junta Directiva, e
- Que se agradecesse à Imprensa de Lisboa a larga publicidade que sempre tem dispensado à acção cultural do Grupo.

Obras oferecidas e adquiridas para a Biblioteca

Pelos seguintes se-
nhores e entidades

MANUEL CHAVES CAMINHA

N.º 1766-A — *Babel*, n.º 1, ano I — (1936).

SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
E COMUNICAÇÕES

- » 1910-A/1910-B — *Relatório e Contas sobre a gerência do ano económico de 1940/41 da Administração dos Portos do Douro e Leixões* (1943).

EDIÇÕES DO GRUPO E OBRAS ADQUIRIDAS

- » 2701 — *Livro da Receita e despesa da Casa Pia do anno que começou em 8 de Setembro de 1623 e acaba em outro tal dias de 1624*. M.
- » 2702 — *Livro que há-de servir dos assentos das defuntas que faleceram neste Real Recolhimento da Natividade de Nossa Senhora, e Casa Pia das Convertidas de Lisboa*. M.
- » 2703 — *Livro da Receita e despesa da Casa Pia das Convertidas, etc*. M.
- » 2704 — *Livro que há-de servir no Real Recolhimento de Nossa Senhora da Natividade, Casa Pia das Convertidas, etc*. M.
- » 2705 — *Livros dos Acordons da Meza, Assentos, Registos, Termos, sobre muitas e diversas coisas, do Recolhimento — Entrada e Saida das Irmãs*. M.
- » 2706 — *Livro em que se Registão as Escrituras, e papeis importantes deste Recolhimento das orfãs de Nossa Senhora do Amparo*. M.
- » 2716/717 — *Memórias de Castilho*, tomos I e II, por Júlio de Castilho (1881).
- » 2718/719/795/881/933/992/992-A/992-B/992-C/992-D/993-E/992-F — *Revista de Portugal — Língua Portuguesa — Série A — Vol. II a IV — N.º 6 a 17* (1943).
- » 2757/58/59/60/61/62/63/64/65/66 — *Olisipo* n.º 22 (1943).
- » 2796/904/904-A/904-B — *Revista da Imprensa Portuguesa* (Anuário Geral da Nação), n.º 1 a 5 (1943).

- N.º 2797/98/99/2800/801/802/803/804/805/806/807 — *Actas das Sessões da Camara Municipal de Lisboa* — Anos de 1917 a 1926 (1917/1941).
- » 2808 — *Memoria sobre Chafarizes, Bicas, Fontes e Poços publicos de Lisboa, Belem, e muitos logares do Termo, offerecida á Ex.ª Camara Municipal de Lisboa*, por José Sérgio Velloso d'Andrade (1851).
 - » 2809 — *Teatro Romano* — Dissertação-Critico-Filologico-Historica, por Luiz Antonio de Azevedo (1815).
 - » 2810 — *Proposta e Esboço do Plano Geral de uma grande Festa Anual da Cidade*, por José Ignacio Dias da Silva (1900).
 - » 2811/812 — *O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa* — 1793/1902, por Francisco da Fonseca Benevides.
 - » 2813/14/15 — *As cidades e Villas da Monarchia Portuguesa que teem Braço d'armas*, por S. de Vilhena Barbosa (1860).
 - » 2846 — *Synopse dos Principaes Actos Administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1835* (1836).
 - » 2847 — *Synopse dos Principaes Actos Administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1838* (1839).
 - » 2848/49/50/51/52/53/54/55/56/57/58 — *Synopse dos Principaes Actos Administrativos da Camara Municipal de Lisboa, nos annos de 1840 a 1845, 1847 a 1849, 1851 e 1852* (1841/1853).
 - » 2866/67/68/69/70/71/72/73/74/75/76/77/78 — *Os Portos Maritimos de Portugal e Ilhas Adjacentes*, por Adolpho Loureiro (1904/1924).
 - » 2880 — «Amigos de Lisboa» e a Imprensa (Fevereiro a Junho de 1943).
 - » 2906 — *O Conde de Villa Franca e a Inquisição*, por Anselmo Braamcamp Freire (1899).
 - » 2907 — *O Incêndio da Travessa da Palha*, por Carlos Barreiros (1887).
 - » 2908 — *O Hospital de S. José e Anexos em 1853*, por Manuel Cesario d'Araujo e Silva (1853).
 - » 2917 — *Anaes de El-Rei D. João III*, por Fr. Luiz de Sousa (1844).
 - » 2923 — *Os Luziadas*, por Luiz de Camões (1931).
 - » 2924 — *Bibliografia Geral Portuguesa*, Vol. I, Século XV (1941).
 - » 2925 — *Portugal Militar*, por Carlos Selvagem (1931).
 - » 2926 — *Quadros Navais*, pelo Almirante Joaquim P. Celestino Soares (1942).
 - » 2927 — *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (1940).
 - » 2928 — *As Corporações dos Offícios Mecânicos*, Vol. I, por Franz-Paul Langhans (1943).
 - » 2935 — *Eça de Queiroz* (2.ª Edição), por António Cabral (1920).
 - » 2936 — *O Real Observatorio Astronomico de Lisboa*, por José Silvestre Ribeiro (1871).
 - » 2937 — *As Misericordias*, por Costa Goodolphim (1897).
 - » 2988 — *Relação dos Festejos que tiverão lugar em Lisboa nos memoraveis dias 31 de Julho, 1, 2 etc. de Agosto de 1826 por ocasião do juramento*

prestado á carta constitucional decretada, e dada á Nação Portuguesa pelo seu legitimo Rei o Senhor D. Pedro IV. Imperador do Brazil (1826).
 N.º 2997/98 — *História de Portugal*, 1.º e 2.º Vol., por António G. Matoso (1939).

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

- » 2707/745/771/846/909/959/959 A/959 B/959 C/959 D/959 E/959 F — *Indústria Portuguesa*, n.ºs 180 a 191 (1943/44).

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

- » 2708/708-A — «*Atlântico*», n.ºs 3 e 4 (1943).
- » 2781 — *O Pensamento de Salazar — Os Princípios e a Obra da Revolução no momento interno e momento internacional* (1943).
- » 2890 — *A Revolução Continua* (1943).

TEODORO LOPES RAMOS

- » 2709 — *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147)*, pelo Dr. José Augusto de Oliveira (1.ª Edição, 1935).
- » 2710 — *Bric-à-Brac*, pelo Dr. J. M. Teixeira de Carvalho (1926).
- » 2715 — *Guia de Portugal Artístico*, Vol. IV.
- » 2731 — *Dissertação critico-filologico-historica*, por Luiz Antonio de Azevedo (1815).
- » 2733 — *Lisboa Antiga*, por Nogueira de Brito (1935).
- » 2736 — *Ronda de Lisboa* — Vol. II da Biblioteca Clássica Portuguesa, por Francisco de Castro (1923).

JOAQUIM LEITÃO

- » 2711 — *Discurso proferido na Sessão Comemorativa do 1.º Centenário de Manoel Pinheiro Chagas, Secretario perpétuo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 10 de Dezembro de 1942*, pelo oferente (1942).

LUIS DE CASTRO E SOLA

- » 2712 — *O Estudo e Aproveitamento do Sub-solo Português* — Conferência realizada em 17 de Abril de 1934 na sala Algarve da Sociedade de Geografia, pelo oferente (1934).

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

- » 2604-A/604-B — *Revista Municipal*, n.ºs 13, 14 e 15 (1943).

- N.º 2713 — *Lisboa e os seus cronistas*, por Luiz Teixeira (1943).
 > 2791 — *A Ribeira de Lisboa*, IV Vol., por Júlio de Castilho (2.ª Edição) (1943).
 > 2792 — *Lisboa de Lés-a-Lés*, V Vol., por Luiz Pastor de Macedo (1943).
 > 2793 — *Os Primeiros Livros e Livreiros de Lisboa*, pelo Dr. Durval Pires de Lima (1942).
 > 2794 — *O Valor Turístico de Santo António de Lisboa* por Augusto Pinto (1942).
 > 2898 — *Os Últimos Dez Anos de Acção Cultural, de 11 de Maio de 1933 a 11 de Maio de 1943* (Catálogo) (1943).
 > 2922 — *Lisboa Através da História Portuguesa*, pelo Dr. Queiroz Veloso (1942).

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

(Sidónio Miguel)

- > 2714 — *Sabatinas com os Inimigos do Corporativismo claros e ocultos de fora e de dentro*, pelo oferente (1943).
 > 2775 — *Igrejas da Pampulha* (S. Francisco de Paula e S. João de Deus), pelo oferente (1942).

ALVARO PINTO

- > 2720/721/778/865/910/968/968 A/968 B/968 C/968 D/968 E/968 F — «*Ocidente*», n.º 59 a 70 (1943/44).

RAMIRO BARROS E SILVA

- > 2722/723/724/776/77/863/905/920/938/960/991/991 A/991 B/991 C/991 D/991 E/991 F/991 G/991 H/991 I/991 J/991 K — *Imprensa Médica*, n.º 4 a 24 (1943) 1, 2 (1944).

GASPAR MARIA LEAL GOMES P. CABRAL

- > 2725/756/782/886/958/958 A/958 B/958 C/958 D/958 E — *Brotéria*, fasc. 3, 4, 5, 6 — Vol. XXXVI — 1, 2, 3, 4, 5, 6 — Vol. XXXVII (1943) — 1, Vol. XXXVIII (1944).

AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS

- > 2726/727/754/755/845/934/966/966 A/966 B/966 C/966 D 966 E — *O Mundo Português*, n.º 109 a 120 (1943/1944).

ANACLETO BERNARDINO DE MIRANDA

N.º 2728/921 — *Acção Médica* — fasc. XXVII/XXVIII (1943).

JOÃO DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA
(Marquês de Rio Maior)

- » 2729 — *O Marquez de Pombal e a Repressão da Escravatura, a obra e o homem* (Inéditos Pombalinos), pelo oferente (1943).

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA

- » 2730/885/963/963-A/963-B — «*Gil Vicente*», n.º 1/8/9/10 (1943).

CÂMARA MUNICIPAL DO PÓRTO

- » 2732/732 A — *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Pôrto*, n.º 3/4 — Vol. V (1942), n.º 1/2 — Vol. VI (1943).

JUNTA DA PROVÍNCIA DA ESTREMADURA

- » 2734/967/967 A/967 B — «*Estremadura*» (Boletim da Junta da Província da Estremadura), n.º 1 a 4, 2.ª série (1943).

DIRECÇÃO GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS

- » 2735/903/903 A — *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 28 a 31 (1942/43).

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS DE VIAÇÃO

- » 2737 — *Relatório da Direcção Geral dos Serviços de Viação* (1941).

UNIÃO DOS GRÉMIOS DOS LOJISTAS DE LISBOA

- » 2738/911/911 A/911 B/911 C — *Boletim da União dos Grémios dos Lojistas de Lisboa*, n.º 25 a 37 (1943/1944).

ENFERMEIRO MOR DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

- » 2739/740/740 A — *Boletim dos Hospitais Civis de Lisboa*, n.º 16 a 19 (1943).

ENG.º AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

- N.º 2741 — *Relatório da Missão Oficial na Holanda e na Suíça em 1931*, por Manuel de Vasconcelos (1933).
- » 2742 — *O Problema do Funcionalismo Público* (Discurso de despedida do Sr. Dr. António de Oliveira Salazar aos funcionários do Ministério das Finanças, proferido no dia 5 de Setembro de 1940). (1940).
 - » 2747 — *Regulamento do Serviço dos guardas dos monumentos nacionais, propriedade do Estado* (1941).
 - » 2748 — *Instruções complementares para a venda, cessão, troca e destruição de móveis e semoventes inscritos no cadastro dos Bens do Estado e devolução aos Corpos Administrativos dos que hajam fornecido a várias entidades* (1942).
 - » 2772 — *El Hermoso Portugal*, por José d'Atayde.

DR. CELESTINO DA COSTA

- » 2743/744 — *Lisbonne* (1933/1935).

SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO E BENEFICÊNCIA «VOZ DO OPERÁRIO»

- » 2746 — *Relatório e Contas e Parecer do Conselho Fiscal*, Gerência de 1942 (1943).

EDIÇÕES GAMA

- » 2749/750/751/752/769/882/883/964/993/994/994 A/994 B/994 C/994 D/994 E 994 F/994 G/994 H — «*Aléo*» (Boletim de Edições Gama), n.º 3 a 20 (1943).

EDUARDO PORTUGAL

- » 2753 — *Postais do Almôço de 26 de Julho de 1942 na Quinta de S. Vicente* (1942).
- » 2770 — *Testamento que fez Manoel Braz Mestre Sapateiro* (1882).

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS GEOLÓGICOS DE PORTUGAL

- » 2767/768 — *Carta Geológica de Lisboa* (1940).

HENRIQUE MARQUES JÚNIOR

- N.º 2773 — *A Gatinha Encantada*, por *Leyguarda Ferreira* e pelo oferente (1943).
 > 2774 — *Alice no País das Maravilhas*, pelo oferente (1943).

ALVARO NEVES

- > 2779 — *Eques Faria Filius e Antonio Leitão de Faria*, pelo oferente (1942).

ROGÉRIO DE FIGUEIROA RÊGO

- > 2780 — *Um Herói Português na Empresa de Túnis*, pelo oferente (1943).

MONTEPIO GERAL

- > 2783 — *O Montepio Geral no Primeiro Século da Sua Existência*, pelo sócio n.º 10.965, *João Ferreira Craveiro Lopes de Oliveira* (1940).
 > 2784 — *Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário do Montepio Geral*, inaugurada em 9 de Outubro de 1940 (1940).
 > 2785 — *O Montepio Geral e o seu Iniciador* (Parecer duma proposta) (1939).
 > 2786/787 — *Montepio Geral — A Previdência — Todos deveriam exercê-la muitos nem, sequer, nela pensam — Alguns preceitos e conselhos que se permite oferecer a secular Associação de Socorros Mútuos* (1939).
 > 2788 — *O Montepio Geral e as suas Comemorações Centenárias* (Discursos e Conferências) (1940).
 > 2789 — *História Breve dos Primeiros Cem Anos do Montepio Geral 1840/1940* (1940).

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO DE ÉVORA

- > 2790/990/990-A — «*A Cidade de Évora*» (Boletim da Comissão Municipal de Turismo de Évora), n.ºs 2 a 4 (1943).

MUSEUS NACIONAIS DE ARTE ANTIGA

- > 2859/60/61/62/62-A — *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, n.ºs 4 a 8 (1943).

JOÃO MARIA FERREIRA

- > 2816 — *O Sincrestimo Infantil (Uma Experiência Pedagógica)* — Biblioteca Cosmos, n.º 27 — (1943).
 > 2817 — *Vida de Zola*, por *Agostinho da Silva* (1942).

- N.º 2818 — *Vida de Pasteur*, por *Agostinho da Silva*.
- » 2819 — *Vida de Franklin*, por *Agostinho da Silva* (1942).
 - » 2820/21/22 — *La Légende des Siècles*, por *Victor Hugo*.
 - » 2823 — *Odes et Ballades — Les Orientales*, por *Victor Hugo* (1932).
 - » 2824 — *As Sete Partidas do Mundo*, por *Fernando Namora* (1938).
 - » 2825 — *Electra e os Fantasmas* — Versão livre de *Henrique Galvão*, por *Eugéne O'Neil* (1942).
 - » 2826 — *Teófilo Braga* (apontamentos biográficos), por *Ladislau Batalha* (1938).
 - » 2827 — *Cancioneiro de Coimbra em que se contêm poesias portuguesas duns saüdosos campos inspirados, desde o século XV até aos nossos tempos, com uma sylvia de romances e cantigas tradicionais* — Escolhidas por *Afonso Lopes Vieira* (1918).
 - » 2828 — *Cartas sem moral nenhuma*, por *M. Teixeira Gomes* (3.ª edição, 1934).
 - » 2829 — *Crítica. I — A prosa e o romance contemporâneos*, por *João Gaspar Simões* (1941).
 - » 2830 — *Evangelho duma avó*, pela *Condessa de Ségur*, tradução do P.º *José da Silva Ramalho* (1938).
 - » 2831 — *Um caso de consciência e a tortura da carne*, por *Leão Tolstoi*, tradução de *Isolino Caramalho* (1943).
 - » 2832 — *Vida de Santo António*, pelo P.º *Aloysio Thomaz Gonçalves* (1931).
 - » 2833 — *Ciuleandra (A dança do amor e da morte)*, por *Liviu Rebreanu*, tradução de *Lôbo Vilela*.
 - » 2834 — *Kyra Kyralina*, por *Panxüt Istrati*, tradução de *Alexandre Babo* (1943).
 - » 2835 — *Relance*, por *João de Brito Câmara* (1943).
 - » 2836 — *Aventuras Maravilhosas de um Príncipe*.
 - » 2837 — *Filinto Elísio — Poesias* (1941).
 - » 2838 — *O Médico e o Monstro*, por *Robert Louiz Stevenson*, tradução de *Agostinho da Silva*.
 - » 2839 — *Bíblia das Escolas*, por *J. Ecker* (1937).
 - » 2840 — *A Vida de Francisco Assis* (Biografia), por *Agostinho da Silva* (1938).
 - » 2841/841-A — *Fábulas*, 1 e 2, por *Laura Chaves* (1942/43).
 - » 2842 — *Os Segredos do Mar* (Iniciação biográfica) — Biblioteca Cosmos, n.º 23, por *Alberto Candeias* (1942).
 - » 2843 — *A Pergunta de Pilatos*, por *Duarte de Montalegre* (1941).
 - » 2844 — *Divagando sobre a Bíblia* (Do Génesis e suas interpretações), por *João Paulo Freire* (Maio, 1943).
 - » 2889 — *As sete dores de N. Senhora*, por *Coelho Neto* (1922).
 - » 2891 — *Recordações do Minho Arcaico*, por *Abel Salazar* (1939).
 - » 2892 — *Através da obra do sr. António Botto*, por *Amorim de Carvalho* (1938).

- N.^o 2893 — *Vida de Lamennais*, por *Agostinho da Silva*.
- > 2894 — *Regressos*, por *M. Teixeira Gomes* (1935).
- > 2912 — *Dezoito dias nas Termas*, por *Aurora Jardim* (1942).
- > 2913 — *Fidalgos da Torre*, por *Sarah Beirão* (1942).
- > 2914 — *Visões dum mundo melhor*, por *Freitas Soares* (1942).
- > 2915 — *Poemas (Sonetos)*, por *Freitas Soares* (1942).
- > 2916 — *O Minho e os seus poetas* (conferência), por *João de Deus Ramos* (1943).
- > 2918 — *Alvorada*, por *Sarah Beirão* (1943).
- > 2919 — *Casa abatida* (Quadros da vida aldeã), por *Ferreira Soares* (1943).
- > 2929 — *Bases da alimentação Racional* — Biblioteca Cosmos, n.^o 10, por *Ferreira de Lima* (1941).
- > 2930 — *Refugiada*, por *Manuel Magno Júnior* (1942).
- > 2931 — *A Arquitectura e a Vida* — Biblioteca Cosmos, n.^o 15, por *Francisco Keill Amaral* (1942).
- > 2932 — *Arquivo Musical Português*, por *César Leiria* (1942).
- > 2939 — *Vitaminas* — Biblioteca Cosmos, n.^o 36, por *M. Ferreira de Mira* (1943).
- > 2969 — *Almanaque de S. António* (1943).
- > 2970 — *A. B. C. da Genética* — Biblioteca Cosmos, n.^o 11, por *António Câmara* (1942).
- > 2971 — *História Popular da Música* — Biblioteca Cosmos, n.^o 34/35, por *Luiz de Freitas Branco* (1943).
- > 2972 — *Obras de Fr. Agostinho da Cruz* (1918).
- > 2973/974 — *Antero de Quental — Infância e Juventude I-II* — (Cadernos Azuis), n.^o 5 e 6, por *António Ramos de Almeida* (1943).
- > 2975 — *A Poesia da Moderníssima Geração* (Cadernos Azuis), n.^o 7, por *João Pedro de Andrade* (1943).
- > 2976 — *Vida de Lincoln*, por *Agostinho da Silva* (1943).
- > 2977 — *Ressaca*, por *Aurora Jardim* (1943).
- > 2978 — *Il Poverello*, por *Amorim de Carvalho* (1939).
- > 2979 — *Nocturnos*, por *Gonçalves Crespo* (1942).
- > 2980 — *Ação Geológica das Águas Subterrâneas*, por *José de Oliveira Boléo* (1943).
- > 2981 — *O Pensamento de Epicuro*, por *Agostinho da Silva* (1943).
- > 2982 — *Arco Iris*, por *Marta de Mesquita da Câmara* (1924).
- > 2983 — *O Primeiro milagre de Santo António* (1941).
- > 2984 — *Faro em 1758* — Separata do jornal «O Algarve» (1943).
- > 2985 — *Da Estética crítica dum suíço* — Separata da «Revista Transtagana», por *Octávio Rodrigues de Campos* (1942).
- > 2986 — *Igreja de Sta. Cruz de Coimbra*, por *António Nogueira Gonçalves* (1940).
- > 2987 — *La Sonambula*, por *Mécia Mouzinho de Albuquerque* (1919).

- N.º 2989 — *O Problema do Nilo* — Biblioteca Cosmos, n.º 41, por *F. Marques Silva* (1943).
 » 2995/996 — *O Idiota*, 1.º e 2.º vol., por *Dostoiewsky* (1943).
 » 2999/3000 — *Compêndio de Educação Moral e Cívica*, 1.º a 6.º ano, pelo *Dr. José de Almeida Correia* (1940).

SOCIEDADE DE ESTUDOS AÇOREANOS «AFONSO CHAVES»

- » 2884 — *Açoreana*, fasc. I, vol. II (1942).

BIBLIOTECA CENTRAL DE BARCELONA

- » 2887 — *Estudis Universitaris Catalans* — Série monográfica I, por *J. Millás Vallicrosa* (1931).
 » 2888 — *Pere de Portugal «Rei dels Catalans» vist a través dels registres de la seva cancelleria*, por *J. Ernest Martínez* — *Furando* (1936).

JOSE FRANCISCO DE OLIVEIRA

- » 2895/96/97 — *Almanach de Caricaturas para 1874/1875/1876*, por *Rafael Bordalo Pinheiro*.
 » 2901 — *Da Farsa à Tragédia*, por *Rafael Ferreira* (1943).

RAÚL DE LACERDA

- » 2899/900 — *O Sr. Saúdades — Lisboa 1900*, pelo oferente (1943).

MÁRIO DE SAMPAIO RIBEIRO

- » 2902 — *Luiza de Aguiar Todí*, pelo oferente (1943).

JOSE ARTUR BARCIA

- » 2940 — *O Christianismo e o Operariado*, por *Júlio de Castilho* (1897).
 » 2941 — *Breitez a Linheira*, por *Júlio de Castilho*.
 » 2942 — *O Casamento de Sua Alteza Imperial a Senhora Princesa D. Isabel com Sua Alteza Real o Senhor Infante D. Luiz*, por *José Feliciano de Castilho* (1859).
 » 2943 — *Cartas do Ex.º Sr. António Feliciano de Castilho e da Câmara Municipal de Setúbal a respeito do Monumento a Bocage*, por *António Feliciano de Castilho* (1867).
 » 2944 — *Tributo Português no trânsito de Sua Majestade Fidelíssima o Senhor Dom Pedro V* (3.ª edição), por *F. Castilho* (1862).

- N.º 2945 — *Lisboa Antiga* — Índice Alfabético e Remissivo dos oito volumes desta obra do Sr. Visconde de Castilho, incluindo o da 1.ª edição do «Bairro Alto», coordenado pelo oferente (1915).
- » 2946 — *Biblioteca Nacional de Lisboa — These apresentada, em nome da Academia de Ciências de Portugal ao Congresso Nacional de Maio de 1910*, por Xavier da Cunha.
- » 2947 — *Levy Bensabat — Parecer acêrca da sua candidatura apresentada em 6 de Julho de 1909*, por Xavier da Cunha.
- » 2948 — *Quem era António José Colfes Guimarães*, por Xavier da Cunha (1908).
- » 2949 — *Quem era Luiz Carlos Rebêlo Trindade*, por Xavier da Cunha (1910).
- » 2950 — *A Medalha Escolar do Collegio do Corpo-Santo*, por Xavier da Cunha (1907).
- » 2951 — *Espécies Bibliográficas e Espécies Bíblicas*, por Xavier da Cunha (1903).
- » 2952 — *Manuel Vieira Natividade — Parecer acêrca da sua candidatura apresentada em 7 de Abril de 1910*, por Xavier da Cunha.
- » 2953 — *A Primeira Saúde*, por Xavier da Cunha (1902).
- » 2954 — *A Biblioteca Nacional de Lisboa, suas deficiências e remedios dessas deficiências*, por Xavier da Cunha (1910).
- » 2955 — *No Passamento do Conde de Valençás*, por Xavier da Cunha (1910).
- » 2956 — *Fotografias de António F. de Castilho, Júlio de Castilho e versos de Júlio de Castilho*.

E. A. STRASEN

- » 2957 — *Portugal* (1943).

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO DAS OBRAS DE ABASTECIMENTO DE AGUAS A CIDADE DE LISBOA

- » 2961/961-A — *Boletim da Comissão de Fiscalização das Obras de Abastecimento de Água à Cidade de Lisboa, n.º 22 e 23* (1943).

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

- » 2962 — *Movimento na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*.

FRANCISCO VALENÇA

- » 2965 — *13 Células do Real Erário. 1799/1801/1805*.

Emprêsa Insulana de Navegação

CARREIRAS REGULARES

ENTRE

L I S B O A
M A D E I R A
E A Ç O R E S



Escalas e datas das saídas dos vapores:

Em 8 de cada mês para:

Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Faial.

Em 23 de cada mês para:

Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Côrvo e Faial (Lages e Santa Cruz).

A escala da Ilha do Côrvo só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele pôrto no mês de Fevereiro só para troca de correspondência e serviço de passageiros.

AGENTES

GERMANO SERRÃO ARNAUD

AVENIDA 24 DE JULHO, 2, 2.º D. — Telefone 2 0214 — LISBOA

Na Madeira

BLANDY BROTHERS & C.º

Em Ponta Delgada

BENSAUDE & C.ª

Se é verdadeiro «Amigo de Lisboa»

Prefira para os seus SEGUROS

A Impétio

A Companhia de Seguros de mais capital
e a que explora todos os ramos

Rua Garrett

LISBOA

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Funchal, S. Tomé, Saizaire, Luanda, Pôrto Amboim, Lobito, Mossâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para mais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeitos à baldeação em Luanda e Lourenço Marques.

LINHA RÁPIDA DA COSTA OCIDENTAL

SAÍDAS MENSAIS REGULARES, COM ESCALA POR:

Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Pôrto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

LINHA DA GUINÉ

SAÍDAS MENSAIS REGULARES, COM ESCALA POR:

S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.

LINHA DA AMÉRICA DO NORTE

Vapores de passageiros

«Serpa Pinto»	8 267 ton,
«Mousinho»	8.374 >
«Colonial»	8 300 >
«João Belo»	7.540 >
«Guiné»	3.200 >

FROTA

LINHA DO BRASIL

Vapores de carga

«Lugela»	8.340 ton.
«Huambo»	7.060 >
«Luango»	7.056 >
«Pungue»	6 200 >
«Bailundo»	5.650 >
«Malange»	5.050 >
«Lobito»	4.200 >
«Buzi»	2.160 >
«Sená»	1.420 >
«Micondó» (costeiro)	270 >

ESCRITÓRIOS:

LISBOA

Rua do Instituto Vergílio Machado, 14

(à Rua da Alfândega)

TELEFONE 2 0052

PÓRTO

Rua Infante D. Henrique, 9

TELEFONE 2324

Companhia do Papel do Prado

Capital Acções 7.000.000\$00

Sede em LISBOA



Especialidade em papéis para escrever, correspondência e livros comerciais; impressão manilhas, etc. Papéis de cores para capas e para embrulho «KRAFT» e ordinários. Papéis affixes em côr e riscados. Cartolinas, Cartões finos. Cartão-palha. Alçaços. Leornes, Mzenas, etc.

Proprietária das Fábricas do Prado, Marianaia Sobreirinho (Tomar), Penedo, Casal d'Ermio (Louzã) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha).

Instalada para uma produção anual de oito milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a indústria

ESCRITÓRIOS E DEPÓSITOS

Rua dos Fanqueiros, 270 a 278

LISBOA



Rua Passos Manuel, 49 a 51

P O R T O

ENDEREÇOS TELEGRÁFICOS:

LISBOA: Pelprado — Lisboa

PORTO: Pelprado — Porto

TELEFONES:

LISBOA { Direcção: 23623
Escritório: 22331
Armazém: 22335
Estado: 188

PORTO 117

CORREIO:

Apartado Caixa n.º 19

Esta revista é impressa em papel da
COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Dominguez & Lavadinho, L.^{da}

PAPELARIAS
nacionais e es-
trangeiras

FÁBRICA de
sobrescritos, ma-
nipulação de pa-
péis de escrever
e sacos de papel



**TINTA DE
ESCREVER**
nacionais e es-
trangeiras

**PAPÉIS QUÍMI-
COS**, lápis, arti-
gos de escritório
e de desenho

SEDE: Rua da Assunção, 79 a 85 e Rua dos Sapateiros, 135 a 143

Telefones: 25201/02

FABRICA: Av. Casal Ribeiro, 18 a 25 — LISBOA

Depósito de Chá

██████████ e Café ██████████

TORREFAÇÃO DE

José Joaquim Real

Sucessor

José Maria Real



TELEFONE 60429

312, Rua de S. Bento, 312

LISBOA

AO PEDIR

água mineral

peça



Leve, Estomacal, Limpida

EFEITOS
IMEDIATOS
NA DIGESTÃO



À venda em toda a parte

ESTORIL COSTA DO SOL

(a 23 quilómetros de Lisboa)

CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO

PALACIO - HOTEL

Elegante e confortável

HOTEL DE ITALIA

(Monte Estoril) — Boa situação

HOTEL DO PARQUE

Instalações modernizadas

T A M A R I Z

Magnífica esplanada sôbre o mar — Restau-
rante — Bars.

ESTORIL - TERMAS

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico
— Ginástica — Cultura Física — Sala de Ar-
mas — Análises clínicas.

C A S I N O

Aberto todo o ano — Concertos — Cinema —
«Dancings» — Restaurante — Bars — Jogos
autorizados pelo Governo.

PISCINA DE ÁGUA TÉPIDA — «STANDS» DE TIRO — ESCOLA DE EQUITAÇÃO

Informações: **SOCIEDADE PROPAGANDA DA COSTA DO SOL — ESTORIL**

E. Pinto Basto

& C.^a, L.^{da}

L I S B O A

Navegação

Carvão

Seguros

Representações

Exportações

Trânsitos

Etc., etc.

N o P Ô R T O

KENDALL, PINTO BASTO

& C.^a, L.^{da}

Eduardo Gomes Cardoso

CONSTRUTOR MECÂNICO

AVENIDA 24 DE JULHO, 26

End. tel.: EDCARD

Tel. 60239

L I S B O A

Máquinas para a indústria corticeira.
Máquinas para a indústria de conservas.
Geradores de gás pobre para lenha, desperdícios de madeiras, antracites e carvões vegetais.

Bombas centrífugas e rotativas

Transmissões: veios, uniões rígidas e de fricção (embreagem), chumaceiras de rolamentos esféricos, automáticas e de tipo Sellers.

Construções e reparações mecânicas

DESENHOS E ORÇAMENTOS

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital
22.000.000\$00

Fundos de Reserva
99.500.000\$00

SEDE:

95, Rua do Comércio, 119 • LISBOA

Filiais — Porto, Coimbra, Braga, Faro e Covilhã

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, S. João da Madeira, Santarém, Tôres Novas, Mangualde, Tôres Vedras, Tortozendo, Moura e Figueiró dos Vinhos

Dependências urbanas (LISBOA) — Alcântara, Almirante Reis, Conde Barão, e Poço do Bispo
— (PORTO) — Matozinhos

Efectua tôdas as operações bancárias

AS EDIÇÕES DA

Portugália Editora

São as melhores obras dos mais célebres autores mundiais, em traduções esmeradas, textos completos, com boa apresentação gráfica, capas por apreciados artistas, e encontram-se à venda, a preços acessíveis, em tôdas as boas livrarias do país

PORTUGÁLIA EDITORA

Avenida da Liberdade, 13-3.º

LISBOA

Fábrica de Espelhos e Lapidações
de Cristais e Vitrais



A VITRALIA
LISBOA

20, Rua Alvaro
Coutinho, 24

(aos Anjos)



Tel.
4 7414



Taboletas
Gravadas a Ácido

Instalações
e Decorações
com Vidros e Espelhos

Vidro
inestilhável para Auto-
móveis, Molduras e Estampas

Colocação de Vidraças e Cristais
em qualquer parte do país

Orçamentos grátis

Sacré Cœur

Porto de Albuquerque
Domingos

RUA ARCO BANDEIRA, 183

Objetos religiosos, Livraria reli-
giosa, Flores artificiais, Oficina de
arte, Flores, Escultura, Modelaria,
Paramenteiro e alfaiate para
vestimentas. Restauram-se estátuas
em todas as matérias. Pinturas a
óleo, aguarela e pastel.

A Corôa de Ouro

Flôres para ornamen-
tações vestidos e cha-
pêus.

Flôres de laranja
para noivos.

Ajour e botões for-
rados.

TELEFONE 2 0100

94-Rua do Crucifixo-98

E' apreciador de bom café?



NÃO HESITE
COMPRE NO **MACÁRIO**

que é uma casa especializada e das mais antigas

Macário M. Ferreira

Estabelecimento: R. Augusto, 272
Tortelacção: R. Mario, 50

LISBOA



Bertrand (Irmãos), L.^{da}

Fotogravura
Tipografia
Fotolito
Desenho

T. Condessa do Rio, 27—Telef. 2 1368-2 1227



Ourivesaria da Guia

Fundada em 1875

Jóias ♦ Ouro ♦ Pratas ♦ Relógios

Rua Martim Moniz, 2-10 / Telefone 2 8336
Rua da Mouraria, 7-11 LISBOA

Livraria Ecléctica

DE

Paulo Lourenço de Melo

Rua da Mouraria, 58

LISBOA

Telefone 2 8653

Compramos grandes e
pequenas bibliotecas

Leilões de livros

Procure, para venda dos
seus livros, a única forma
de os colocar bem.

**ARNALDO HENRI-
QUES DE OLIVEIRA**

Já fez 110 leilões

L. do Calhariz, 14

Telefone 2 8477